

Maria Armanda Cerqueira Lopes

Novos Exploradores: O Papel das Experiências Sensoriais e da Natureza no Desenvolvimento e Aprendizagem das Crianças

maio de 2025



Novos exploradores: O Papel das Experiências Sensoriais e da Natureza no Desenvolvimento e Aprendizagem das Crianças

Maria Armanda Cerqueira Lopes

UMinho | 2025

“

Universidade do Minho
Instituto de Educação

Maria Armanda Cerqueira Lopes

Novos exploradores: O papel das experiências sensoriais e da natureza no desenvolvimento e aprendizagem das crianças

Relatório de Estágio
Mestrado em Educação Pré-Escolar

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Maria Cristina Cristo Parente

maio de 2025

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual
CC BY-NC-SA

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/

Agradecimentos

Repentinamente passaram 5 anos. Agora é hora de agradecer a todos que se cruzam comigo, uns mais outros menos, mas é certo que todos deixaram a sua marca!

À minha professora orientadora, Doutora Maria Cristina Cristo Parente, um sincero agradecimento por todo o apoio, pela compreensão, pela partilha de conhecimentos, pelos desafios lançados, decerto, ajudou-me a crescer pessoal e profissionalmente.

A toda a comunidade educativa das instituições por onde passei que me receberam sempre de braços abertos. Um agradecimento especial à educadora Isabel, foi o grande ponto de partida, onde nos altos e baixos mostrou que com amor, dedicação e empenho somos capazes de transformar a educação, OBRIGADA, por partilhar os seus conhecimentos e as suas aprendizagens.

À educadora Estefânia, reconheço que a transição foi desafiante, mas com o passar do tempo, com a aprendizagem realizada e os conhecimentos adquiridos, evolui, foi um caminho desafiante que me enriqueceu profundamente como profissional e como pessoa.

A todas as crianças que fizeram de mim melhor profissional, OBRIGADA, pelos sorrisos, pelos abraços, pelas conversas, pelo carinho, neste caminho de descoberta foram essenciais para o meu crescimento pessoal.

Aos meus pais por me apoiarem em tudo o que está ao seu alcance e por me transmitirem valores tão importantes.

Aos meus tios e aos meus primos que durante 5 anos foram casa, abraço e presença. Obrigada por estarem sempre lá quando mais precisei.

Ao meu irmão e à minha cunhada, verdadeiros impulsionadores deste sonho chamado Educação de Infância. Às minhas sobrinhas que trouxeram mais luz aos meus dias e me inspiram a ser uma educadora mais dedicada e afetuosa.

Aos meus avós pelo amor incondicional, pela preocupação, pelas longas conversas ao fim-de-semana e por aquele joguinho de cartas que o avô tanto gosta. Em especial, ao meu avô João que partiu durante o meu estágio em creche, um abraço apertadinho!

Às minhas amigas e companheiras de viagem, OBRIGADA, por me aturarem, ajudarem, ouvirem, por partilharmos os melhores e os piores momentos e por todos os momentos inesquecíveis que vivemos juntas ao longo desta viagem!

Às minhas amigas Bibi, Babi, Bea e Jo, obrigada por serem casa, por me animarem, por serem alma da festa!

Aos meus amigos de longa data, por ouvirem todas as histórias, por me apoiarem, por todos os conselhos que me permitiram sentir compreendida e capaz de concretizar este sonho!

Aos que chegaram por acaso e ficaram por escolha, aos que me acolheram com um sorriso, aos que partilharam momentos de dúvida e de conquista, aos que escutaram, abraçaram e caminharam lado a lado, esta jornada faz mais sentido convosco ao meu lado.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Novos Exploradores: O Papel das Experiências Sensoriais e da Natureza no Desenvolvimento e Aprendizagem das Crianças

Resumo

O seguinte relatório apresenta o projeto de intervenção pedagógica desenvolvido no âmbito do estágio do Mestrado em Educação Pré-Escolar, realizado em Creche e Jardim de Infância.

A intervenção pedagógica em Creche teve como principal objetivo estimular os sentidos, proporcionar oportunidades de exploração e promover o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. O projeto de intervenção pedagógica em Jardim de Infância promoveu o contacto com o mundo animal e a natureza, sempre de acordo com os interesses das crianças. O projeto envolveu atividades de pesquisa, exploração, momentos de partilha, reflexão em grupo e novas descobertas.

A escolha deste tema "Novos Exploradores: O Papel das Experiências Sensoriais e da Natureza no Desenvolvimento e Aprendizagem das Crianças" emergiu da observação e escuta atenta dos interesses e curiosidades das crianças nos dois contextos educativos. No decorrer do estágio foi possível constatar um entusiasmo por parte das crianças em explorar o espaço exterior, demonstrando um interesse genuíno pela natureza e pelos seus elementos. Por vezes, era feita a recolha de materiais naturais que posteriormente eram levados para a sala, onde as crianças gostavam de aprofundar as suas descobertas sensoriais e exploratórias. Para a concretização do projeto recorreu-se à metodologia de Investigação-Ação, sendo este um processo contínuo e dinâmico que integra as etapas de observação, planeamento, ação, avaliação e reflexão das atividades, desenvolvidas de forma cíclica.

As intervenções pedagógicas realizadas promoveram a construção de novos conhecimentos, tendo as crianças como protagonistas, o conhecimento partiu do interesse das mesmas. No decorrer deste período, as crianças assumiram um papel ativo ao longo da sua aprendizagem.

Com base nas experiências sensoriais promovidas em contexto de creche, as principais aprendizagens incluem a autonomia, o desenvolvimento motor, cognitivo, emocional e social, promovendo o contacto ativo com o mundo, favorecendo uma exploração ativa e significativa.

As principais aprendizagens realizadas pelas crianças em Jardim de Infância incluem o conhecimento, o respeito e a empatia pelos seres vivos, o desenvolvimento da consciência ecológica, a capacidade de observar, questionar, registar e ainda o seu desenvolvimento global.

Palavras-chave: Natureza, Exploração, Desenvolvimento Sensorial, Aprendizagem ativa.

New Explorers: The role of sensory experiences and nature in children's development and learning

Abstract

The following report presents the pedagogical intervention project developed as part of the internship for the Master's Degree in Pre-School Education, carried out in the Nursery and Kindergarten.

The main aim of the educational intervention in the nursery was to stimulate the senses, provide opportunities for exploration and promote the child's cognitive, emotional and social development. The kindergarten intervention project promoted contact with the animal world and nature, always in line with the children's interests. The project involved research activities, exploration, moments of sharing, group reflection and new discoveries.

The choice of this theme "New Explorers: The Role of Sensory Experiences and Nature in Children's Development and Learning" emerged from careful observation and listening to the children's interests and curiosities in both educational contexts. During the internship, the children were enthusiastic about exploring the outdoors and showed a genuine interest in nature and its elements. Sometimes, natural materials were collected and then taken back to the classroom, where the children enjoyed deepening their sensory and exploratory discoveries. The project was carried out using the Action Research methodology, which is a continuous and dynamic process that includes the stages of observation, planning, action, evaluation and reflection on the activities, developed in a cyclical manner.

The pedagogical interventions carried out promoted the construction of new knowledge, with the children as the protagonists. During this period, the children took an active role in their learning.

Based on the sensory experiences promoted in the nursery context, the main learning outcomes include autonomy, motor, cognitive, emotional and social development, promoting active contact with the world, favoring active and meaningful exploration.

The main learning outcomes for children in kindergarten include knowledge, respect and empathy for living beings, the development of ecological awareness, the ability to observe, question and record, as well as their overall development.

Keywords: Nature, Exploration, Sensorial Development, Active learning.

Índice

Agradecimentos III
Resumo V
Abstract VI
Índice de figuras IX
Introdução 1
Capítulo I - Enquadramento teórico 3
1. Modelo Curricular HighScope: 3
2. A importância do contacto com a Natureza e a exploração do espaço exterior: 5
3. O Papel fundamental do Educador de Infância: 6
Capítulo II – Caracterização geral do contexto 8
1. Contexto de Creche 8
1.1. Caracterização da instituição 8
1.2. Caracterização da sala 8
1.3. Caracterização do grupo 9
1.4. Organização da Rotina Diária 9
2. Contexto de Jardim de Infância 10
2.1. Caracterização da Instituição 10
2.2. Caracterização da sala 10
2.3. Caracterização do grupo 10
2.4. Organização da Rotina Diária 11
Capítulo III – Metodologia de Investigação 12
Capítulo IV– Intervenção Pedagógica 13
Intervenção Pedagógica em Creche 13
1. Identificação da problemática 13
2. Objetivos e Questões de investigação 14
3. Concretização da intervenção pedagógica 14
Atividade – "O livro da selva" 14
Atividade – "Exploração do painel sensorial" 16
Atividade – Quadro sensorial "O campo" 18
Atividade – "O Jardim colorido" 20
Atividade – Tintas naturais (cenoura, couve e beterraba) 22
Atividade – "À descoberta da lã" 25
Atividade – "À descoberta do gelo" 27

Intervenção Pedagógica em Jardim de Infância 30
1. Identificação da Problemática 30
2. Objetivos e Questões de Investigação 30
3. Concretização da Intervenção Pedagógica 31
Atividade I 31
Atividade II 36
Atividade III 41
Atividade IV 45
Atividade V 49
Atividade VI 52
Atividade VII 54
Reflexão da atividade VIII 58
4. Análise reflexiva de intervenção pedagógica em contexto de Jardim de Infância 61
Capítulo V - Considerações Finais 63
Referências Bibliográficas 66
Anexos 68

Índice de figuras

Figura 1- Bebé – Mogli Figura 2 - Urso Balú Figura 3 - Serpente Cá 15

Figura 4 – Loba Figura 5 - Macaco e Tigre Figura 6 - "O livro da selva" 15

Figura 7,8 e 9 - Exploração "O livro da selva". 16

Figura 10, 11, 12, 13, 14 e 15 - Exploração do painel sensorial com as mãos e com os pés. 18

Figura 16, 17, 18, 19, 20 e 21 - Exploração do quadro sensorial "O campo". 20

Figura 22, 23, 24 e 25 - Exploração de gelatina de frutos vermelhos 22

Figura 26- Exposição "O Jardim Colorido" 22

Figura 27, 28, 29, 30, 31 e 32 - Exploração de tintas naturais - couve, cenoura e beterraba. 24

Figura 33, 34 e 35 - Fazer de conta que a lã é cabelo. 26

Figura 36, 37, 38 e 39 - Exploração da lã. 27

Figura 40 - Luva congelada com flores, paus, folhas, groselhas e água. Figura 41 - Exploração do gelo. 28

Figura 42 e 43 - Exploração do gelo. 28

Figura 44 e 45: Representação de uma minhoca em barro. 34

Figura 46- Representação de uma minhoca em barro. 35

Figura 47: As respostas das crianças. 37

Figura 48: O interior do corpo da minhoca. 39

Figura 49: Experiência, a minhoca vai para a zona húmida? 40

Figura 50 e 51 - Recolha de vários elementos para a compostagem no espaço exterior do Jardim de Infância. 50

Figuras 52 e 53: Compostagem. As crianças colocaram borras de café na compostagem. 50

Figura 54 - Quadro do projeto, completo. 51

Figuras 55, 56, 57 e 58: Observação e exploração de minhocas. 53

Figura 59- Mural sobre as minhocas 56

Figura 60,61, 62, 63, 64, e 65: Criar uma horta. 58

Introdução

No âmbito da unidade curricular de Estágio do Mestrado em Educação Pré-Escolar, o presente relatório tem como objetivo descrever e refletir sobre a intervenção pedagógica desenvolvida em contexto de Creche e em contexto de Jardim de Infância.

Ambas as intervenções pedagógicas recorrem à Natureza, ao espaço exterior, promovendo experiências sensoriais e de descoberta, tendo sempre a criança como protagonista do processo educativo, respeitando os seus interesses e ritmos de aprendizagem.

Através da observação diária dos grupos foi possível identificar áreas de interesse e curiosidades específicas, que serviram de base para a planificação das atividades.

No contexto de **Creche**, a intervenção decorreu numa sala de berçário, com crianças entre os 3 meses e os 2 anos de idade. De acordo com as características do grupo, foram privilegiadas experiências sensoriais que estimulassem os sentidos e proporcionassem oportunidades de exploração, com o intuito de promover o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, contribuindo para o desenvolvimento integral da criança.

Neste enquadramento surge o tema **"Explorar os Sentidos: O Papel das Experiências Sensoriais no Desenvolvimento e Aprendizagem das Crianças"**, fundamentado na observação das reações das crianças às diferentes atividades, quer em sala, quer no espaço exterior. Entre as experiências realizadas destaca-se a exploração de livros e histórias com recurso a fantoches, a exploração de painéis sensoriais com diferentes texturas, elementos da natureza, etc., pintura com tintas naturais, bem como o contacto com materiais como a lã e outros elementos naturais.

No contexto de **Jardim de Infância**, a intervenção pedagógica foi desenvolvida com um grupo heterogéneo, composto por crianças com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos.

No decorrer do estágio, foi notório o interesse pelo mundo natural, em especial pelos animais. De uma conversa espontânea com as crianças e com a educadora, surgiu o tema das minhocas, com as crianças a colocarem questões como: "será que tem boca?", "será que tem olhos?", "será que salta?". A partir desta conversa, iniciou-se um projeto de investigação/exploração, no qual as crianças se assumiram como co-construtoras da sua aprendizagem.

Ao longo da exploração/investigação, as crianças foram incentivadas a colocar questões, realizar pesquisa em computador (com auxílio da educadora) e em livros e a participar em atividades no espaço

exterior. Estas experiências permitiram-lhes descobrir respostas de forma autónoma, valorizando o contacto direto com a Natureza e com a vida animal como base essencial para a construção de conhecimentos significativos.

O projeto de intervenção pedagógica intitula-se **"Exploradores da Natureza: A Criança como Protagonista"**, tendo em conta que no decurso das diversas atividades as crianças sempre foram protagonistas e as atividades foram correspondendo aos seus interesses e curiosidades.

Reconhece-se, contudo, que o papel da educadora é igualmente fundamental, ao planear e intervir de forma intencional e reflexiva, com base nas observações realizadas ao longo do projeto educativo. Através deste acompanhamento contínuo é possível identificar progressos, ajustar estratégias e garantir que todas as crianças possam evoluir.

Do ponto de vista organizacional o documento encontra-se dividido em quatro capítulos. O capítulo I diz respeito ao enquadramento teórico, onde abordo o Modelo Curricular HighScope, pois valoriza uma aprendizagem ativa e estruturada, sustentada numa rotina consistente, que promove a autonomia, a responsabilidade e o pensamento crítico da criança. A importância do contacto com a Natureza e a exploração do espaço exterior contribuem com benefícios físicos e cognitivos, como a melhoria da memória, da imunidade e da capacidade de aprendizagem, brincar ao ar livre estimula a curiosidade, a autorregulação e o pensamento criativo. Por fim temos o papel do Educador, sendo este, um profissional essencial na promoção do desenvolvimento global da criança. A sua intervenção visa criar um espaço seguro, acolhedor e desafiante, onde cada criança se sinta valorizada. Depois, segue-se o capítulo II onde faço uma descrição pormenorizada das valências de Creche e Jardim de Infância, ou seja, caracterização da instituição, caracterização da sala, caracterização do grupo e organização da rotina diária. No capítulo III abordo a metodologia de investigação utilizada no desenvolvimento dos projetos de intervenção pedagógica. No capítulo IV, explico como surgiu o tema e quais os objetivos que estiveram na base da sua escolha. No decorrer do capítulo descrevo as principais atividades, remetendo-me no final para a avaliação da intervenção. Por fim, o capítulo V é destinado às considerações finais, onde reflito sobre as minhas dificuldades e contributos do estágio para o meu desenvolvimento profissional e pessoal.

Capítulo I - Enquadramento teórico

1. Modelo Curricular HighScope:

A conceção de infância reconhece a criança como um sujeito de direitos e como agente ativa do seu próprio desenvolvimento. Este ponto de vista é sustentado por documentos internacionais, como a Convenção sobre os Direitos da Criança (UNICEF,1989), e por correntes pedagógicas que defendem uma educação centrada na criança.

O modelo curricular HighScope, desenvolvido por David Weikart, destaca-se pela sua abordagem baseada na aprendizagem ativa no qual, a criança participa de forma ativa na planificação, execução e avaliação das atividades. (Hohmann & Weikart, 2002).

Este modelo valoriza a aprendizagem ativa através de uma rotina consistente/constante que favorece as oportunidades de escolha. No seu dia-a-dia, a criança tem oportunidade, num dos momentos da rotina, de escolher as atividades que pretende realizar, fomentando, assim, a autonomia e a responsabilidade. No momento do fazer as crianças realizam as suas intenções e desenvolvem competências cognitivas, sociais e motoras. Nos momentos de partilha, as crianças refletem sobre o que fizeram estimulando o pensamento crítico e a comunicação. Com este modelo as crianças têm oportunidades e sentem-se confiantes para aprender e explorar de forma ativa.

A criança é construtora do seu conhecimento, assim, é necessário que o adulto crie espaços de atividade apoiada, em contacto com a realidade, para que a criança possa construir o conhecimento da realidade e a realidade do conhecimento. Os momentos de reflexão/partilha são um processo rico que permite à criança clarificar o seu pensamento ouvindo o pensamento do outro e vice-versa. (Oliveira-Formosinho, p.79)

Neste modelo, o educador desempenha o papel de mediador e facilitador da aprendizagem. Este acompanha as crianças de forma atenta, escutando e observando num processo contínuo, apoiando as iniciativas e os interesses destas. Intervém sempre que necessário, ajusta desafios e propõe formas de ajudar cada criança a avançar ao seu ritmo, tendo em conta as aprendizagens realizadas (Vygotsky,1978).

A criança é um ser competente, capaz e curioso, aprende mais facilmente interagindo com o meio envolvente e com os outros. Esta visão está alinhada com as teorias do construtivismo de Piaget (1976) e do sócio-construtivismo de Vygotsky (1978), que destacam a importância da experiência ativa e da interação social no desenvolvimento cognitivo da criança. Segundo Vygotsky, o desenvolvimento

ocorre na Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), ou seja, as crianças precisam de estímulos por parte de um mediador/educador, para construir novas aprendizagens. Para que a criança se desenvolva cognitiva e socialmente, é importante criar ambientes ricos em estímulos, onde as crianças tenham possibilidade de expressar as suas ideias, tomar decisões e resolver problemas de forma independente/autónoma. É fundamental respeitar o ritmo e os interesses individuais de cada criança para que seja promovida uma aprendizagem significativa e motivadora.

Relativamente à organização do ambiente educativo, neste modelo, existem diversas áreas de atividade que permitem diferentes aprendizagens curriculares. A sala de atividades não tem um modelo único, do início do ano letivo até ao fim deste não existe uma organização totalmente fixada. O espaço é dividido em áreas de interesse bem definidas, como a área da biblioteca, das construções, do faz-de-conta, das artes, entre outras. A acessibilidade é fundamental, os materiais devem estar visíveis, acessíveis e etiquetados (imagens e palavras), incentivando a exploração autónoma da criança. A rotatividade dos materiais é valorizada neste modelo, promovendo o interesse contínuo e o envolvimento significativo das crianças (Oliveira-Formosinho, pp.83-85).

As interações entre adultos e crianças são também fundamentais para apoiar os momentos de escolha e o desenvolvimento global da criança. Este modelo defende que a qualidade das interações influencia a aprendizagem e bem-estar da criança. O educador respeita a iniciativa da criança e apoia as suas decisões de forma intencional. As interações positivas são caracterizadas por uma comunicação aberta e encorajadora, onde o adulto demonstra interesse pelas ações, pensamentos e sentimentos da criança. O educador observa, escuta e intervém de forma sensível, apresentando sugestões, fazendo perguntas e refletindo verbalmente as ideias das crianças, promovendo o seu pensamento crítico e a autonomia. Através destas interações, as crianças sentem-se valorizadas, ouvidas e compreendidas, contribuindo para a construção de relações sociais saudáveis (Oliveira-Formosinho, pp.88 e 89).

Ter uma rotina, não ajuda só as crianças, como também ajuda os educadores/adultos, facilitando a transição entre atividades, criando assim, um ritmo que favorece a aprendizagem e o desenvolvimento emocional. Ao saber o que esperar, as crianças sentem-se mais seguras e confiantes, o que lhes permite concentrar-se nas atividades e nas interações sociais. Caso ocorra alguma alteração na rotina, as crianças irão ficar um pouco “perdidas” e isso notar-se-á no comportamento delas ao longo do dia. Por isso, é essencial criar uma rotina, pois esta cultiva hábitos positivos, como por exemplo, a autonomia, a responsabilidade, o respeito pelo outro, preparando e organizando, assim, o seu dia-a-dia.

Segundo Júlia Oliveira-Formosinho, a rotina deste modelo é estável e constante tornando-se previsível para a criança, assim, esta está menos dependente do adulto. Esta rotina, contribui para a segurança e independência da criança. (2013, pp. 87 e 88)

2. A importância do contacto com a Natureza e a exploração do espaço exterior:

A natureza desempenha um papel essencial no desenvolvimento/aprendizagem da criança, promovendo o bem-estar, a criatividade e a conexão com o mundo natural. O brincar ao ar livre e a exploração de ambientes naturais incentivam a curiosidade, a resolução de problemas e a criatividade, permitindo que as crianças aprendam de forma ativa e significativa (Knight, 2013). De acordo com Bilton (2010), o contacto frequente com ambientes naturais permite às crianças compreender melhor os ciclos da vida e a importância da sustentabilidade, fomentando uma ligação emocional com o mundo natural, reforçando um vínculo afetivo com este.

"As memórias de infância ligadas à aventura e ao jogo com a Natureza dificilmente se esquecem. Sair de casa e desfrutar do ar livre é uma atividade sempre importante na nossa formação motora, psicológica e social." (Neto, p.151).

Do ponto de vista educativo, brincar ao ar livre deve ser visto como parte integrante do currículo. As Orientações Pedagógicas para a Creche (OPC,2024) e as Orientações Curriculares para a Educação de Pré-Escolar (OCEPE, 2016), reconhecem o valor do espaço exterior como espaço de aprendizagem transversal, onde é possível abordar diferentes áreas do saber, como linguagem, matemática, ciências e expressão motora.

Brincar ao ar livre pode contribuir para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças em vários domínios de desenvolvimento. Favorece o desenvolvimento físico e emocional da criança, criando oportunidades e desafios para a autorregulação e a resolução de problemas, aspetos fundamentais para o desenvolvimento da autonomia e da resiliência da criança (Ginsburg, 2007).

Estimula a criatividade e fortalece vínculos afetivos, proporcionando contextos ricos para o desenvolvimento de competências pessoais, sociais e emocionais. Para além disso, estas experiências permitem que as crianças enfrentem desafios e assumam riscos apropriados, promovendo o desenvolvimento da autoconfiança e da resiliência (Grupo Marista, 2022).

A pedagogia do risco (riscos apropriados) permite que a criança lide com desafios reais, desenvolvendo a noção de limites, a autoconfiança, a autorregulação e a autonomia (Ginsburg, 2007).

O contato direto com a natureza tem um impacto positivo em várias dimensões do desenvolvimento da criança, contribuindo para o fortalecimento da imunidade, melhoria da memória, regulação do sono e o aumento da capacidade de aprendizagem. A natureza oferece uma variedade de estímulos sensoriais, que contribuem para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças (Instituto Alana, n.d.).

Desta forma, é essencial promover um ambiente educativo onde as crianças possam crescer de forma autónoma, confiantes e felizes, onde o contacto direto com a natureza favorece o seu desenvolvimento integral e o respeito pelo meio ambiente, formando, assim, cidadãos mais conscientes e responsáveis.

3. O Papel fundamental do Educador de Infância:

O Educador de Infância é um profissional de educação, responsável por planear e dinamizar atividades educativas, tanto a nível individual como coletivo. O seu principal objetivo é apoiar o desenvolvimento global da criança, colocando em prática os seus conhecimentos, experiências e competências de forma a responder às necessidades de cada criança (Mendonça,1997).

Espera-se que o educador desenvolva a sua intervenção pedagógica de forma intencional e fundamentada.

> A intencionalidade do/a educador/a, que caracteriza a sua intervenção profissional, exige-lhe que reflita sobre as conceções e valores subjacentes às finalidades da sua prática: papel profissional, imagem de criança, o que valoriza no que as crianças sabem e fazem e no modo como aprendem. Esta intencionalidade permite-lhe atribuir sentido à sua ação, ter um propósito, saber o porquê do que faz e o que pretende alcançar (Silva et al., p.13).

Neste sentido, o educador adota um papel reflexivo, observando, registando, analisando e ajustando a sua prática, constantemente. A documentação pedagógica é uma ferramenta central do processo, permitindo ao educador recolher evidências das crianças, refletir sobre os processos de aprendizagem e partilhar esses registos com as crianças, as famílias e a comunidade (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2020, p.51).

O papel do educador é fundamental para promover o desenvolvimento integral das crianças, englobando os aspetos cognitivo, social e emocional. Primeiramente, o educador atua como facilitador do ambiente de aprendizagem, organizando o espaço de modo a estimular a autonomia e o pensamento crítico das crianças (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2020, p. 32). Além disso, é importante que este

garanta um ambiente educativo seguro, inclusivo e acolhedor, onde todas as crianças se sintam valorizadas ao longo do seu percurso de crescimento (Pacheco, 2004).

No âmbito do modelo curricular HighScope, a planificação apresenta uma abordagem intencional e flexível, onde o educador planifica com base na análise da observação e da escuta das crianças. O educador planifica de forma personalizada e contextualizada, fazendo uma seleção cuidada, conforme, a aprendizagem e o ritmo individual da criança. O educador procura adaptar-se às dinâmicas do grupo e às trajetórias de cada um, ajustando, de acordo com as observações realizadas. A documentação pedagógica permite ao educador registar e refletir sobre as práticas, e, ainda comunicar o percurso das crianças às famílias e à equipa educativa. Assim, a análise da observação apoia a avaliação formativa, que é contínua e centrada na criança. Planificar com base na análise da observação e da escuta, assegura a intencionalidade educativa e o respeito pela individualidade, promovendo uma aprendizagem significativa, inclusiva e centrada na criança. Em suma, a observação é um processo contínuo, que exige o conhecimento individual aprofundado de cada criança. A escuta tal como a observação deve ser um processo contínuo, esta permite que o educador possa responder de forma adequada às suas especificidades, promovendo um desenvolvimento mais harmonioso (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2020, p.49).

Adicionalmente, o educador deve colaborar estreitamente com as famílias e a comunidade, promovendo um envolvimento mais ativo na educação e no crescimento das crianças, fortalecendo o vínculo entre a escola e o contexto familiar, o que é fundamental para um desenvolvimento integral (Azevedo, 1996). Escuta e diálogo são essenciais para um projeto educativo partilhado.

Por fim, a gestão de grupo é uma componente importante do seu papel, exigindo do educador a capacidade de organizar as atividades e o ambiente de forma a respeitar o ritmo de cada criança, promovendo a inclusão e o respeito pela diversidade.

Assim, podemos afirmar que o papel do educador consiste em organizar o espaço, observar e escutar a criança, para que esta seja compreendida e possa obter respostas. (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2020, pp.28 e 29).

Neste enquadramento teórico percebemos que o modelo curricular HighScope, aliado ao brincar na natureza, à escuta ativa e à organização intencional dos ambientes, integra uma base sólida para a intervenção pedagógica em contexto de estágio. Este enquadramento sustenta uma prática centrada na criança, promotora de aprendizagens significativas, do bem-estar e do desenvolvimento integral.

Capítulo II – Caracterização geral do contexto

1. Contexto de Creche

1.1. Caracterização da instituição

O estágio curricular decorreu numa instituição de carácter privado. Neste edifício, deparámo-nos com um polivalente espaçoso, onde as crianças podem brincar livremente. Entre o polivalente e a sala 3 encontram-se 4 casas de banho e alguns cacifos para que educadoras, auxiliares, voluntárias e estagiárias possam guardar os seus pertences e ao lado tem um quarto de arrumações de produtos de limpeza. A Creche tem 6 salas no total, sendo 2 do berçário, 2 salas de 1 ano e 2 salas de 2 anos; o recreio e por fim temos a cozinha e o refeitório com cadeiras e mesas apropriadas ao tamanho das crianças.

O espaço exterior é um local privilegiado para atividades da iniciativa das crianças que, ao brincar, têm a possibilidade de desenvolver diversas formas de interação social e de contacto e exploração de materiais naturais (pedras, folhas, plantas, paus, areia, terra, água, etc.) que, por sua vez, podem ser trazidos para a sala e ser objeto de outras explorações e utilizações. É ainda um espaço em que as crianças têm oportunidade de desenvolver atividades físicas (correr, saltar, trepar, jogar à bola, fazer diferentes tipos de jogos, etc.), num ambiente de ar livre. (Silva et al, 2016, p.27)

Nesta instituição, as famílias são inseridas no processo educativo das crianças, tendo um papel participativo em diversas atividades que decorrem ao longo do ano. Por exemplo, o Dia da Família onde todos são convidados para celebrá-lo, a leitura de livros e ainda a construção da cozinha de lama e alguns brinquedos sensoriais no exterior. O papel ativo das famílias é essencial para que as crianças sejam incentivadas/apoiadas a atingir o sucesso.

1.2. Caracterização da sala

Relativamente à sala, esta é composta por cinco espaços iguais, sendo a primeira uma sala para dormir, a segunda, a sala principal onde as crianças podem explorar os diversos brinquedos sensoriais disponíveis, a terceira uma sala dividida entre copa e fraldário (são espaços distintos e sem ligação entre si), a quarta uma sala de atividades (mais utilizada para o grupo das crianças mais velhas), a qual também funciona diariamente como sala de refeições, após serem montadas e dispostas as mesas e equipamentos necessários, e a quinta, outra sala para dormir, cada sala é equipada com oito berços, acompanhados de um saquinho de alfazema para proporcionar conforto às crianças. O espaço exterior é amplo e neste, existem algumas diversões, nomeadamente, dois escorregas, três balancés, e dois

carrinhos. Uma parte é composta com pavimento de borracha CAUTCHU e outra com relva e árvores o que proporciona contacto com a natureza e exploração de materiais naturais.

1.3. Caracterização do grupo

Este é um grupo heterogéneo com 16 crianças, considerando que uma delas não compareceu na creche no decorrer do estágio. O grupo é constituído por 12 crianças do sexo feminino e 4 crianças do sexo masculino. Neste grupo temos uma menina afegã, três meninas com dupla nacionalidade, duas com nacionalidade portuguesa e brasileira e uma menina com nacionalidade portuguesa e polaca e os restantes meninos são portugueses.

Em sala está presente uma educadora de infância, três auxiliares de ação educativa e por vezes uma voluntária, trabalhando em conjunto em prol do desenvolvimento integral das crianças.

O grupo revelou-se bastante ativo e curioso, demonstrando interesse em participar nas atividades promovidas pela educadora, por mim, e pela professora de música. Durante as atividades, a maioria do grupo envolve-se de forma espontânea, assim como nos diversos momentos da rotina diária, embora algumas crianças necessitem do apoio de um adulto. As crianças exploram autonomamente, ainda que com algumas limitações, decorrentes da sua fase de desenvolvimento motor, nomeadamente por se encontrarem na etapa de gatinhar ou por dependerem, em parte, do colo.

1.4. Organização da Rotina Diária

> No que toca à organização da rotina diária, esta segue o modelo curricular HighScope. Segundo, Júlia Oliveira-Formosinho, a rotina deste modelo é estável e constante tornando-se previsível para a criança, assim, esta está menos dependente do adulto. Esta rotina, contribui para a segurança e a independência da criança. (2020, pp. 87 e 88)
>
> Iniciámos a manhã com o acolhimento, cantámos a música dos "Bons Dias", lanchámos e realizámos atividades propostas pela educadora cooperante ou pela estagiária. Passámos para o almoço, podendo ser no interior ou no exterior, dependendo das condições climatéricas, no fim, realizámos a higiene para que possam dormir a sesta. Mais tarde acordam, lancham e exploram os brinquedos.

2. Contexto de Jardim de Infância

2.1. Caracterização da Instituição

A instituição é composta por diversas valências, nomeadamente, a Creche, o Estabelecimento de Educação Pré-Escolar, o Centro de Atividades de Tempos Livres, o Serviço de Apoio Domiciliário aos Idosos, o Centro de Dia e a Estrutura Residencial para Pessoas Idosas, que engloba o Lar de Idosos e a Residência.

O Jardim de Infância apresenta um bom espaço de recreio, que inclui uma área com relva, um parque infantil com baloiços, um escorrega e um balancé. O solo da zona do parque infantil é revestido por ladrilhos de borracha, assegurando a segurança das crianças durante as brincadeiras. Á volta, a área é pavimentada com paralelo/azulejos em pedra. Na entrada está disponível um local apropriado para que as crianças possam deixar os seus guarda-chuvas.

No interior do edifício, encontram-se três salas, na proximidade das salas existem cabides devidamente identificados com fotografia e nome das crianças, estando estes organizados por ordem alfabética. Adjacentemente, um "bengaleiro" é disponibilizado para que possam guardar as suas galochas e impermeáveis. Á frente de cada sala, foram dispostas uma ou duas mesas com as garrafas de água das crianças, permitindo fácil acesso à hidratação durante o dia.

2.2. Caracterização da sala

Ao entrarmos na sala, deparámo-nos com a área da biblioteca logo em frente. Adjacente a esta, existe um espaço destinado a jogos calmos (fazer pulseiras, puzzles, etc.). Depois, a área de artes, onde é possível desenhar ou brincar com plasticina, ... Além disso, há uma zona de faz-de-conta que permite que as crianças exercitem a sua imaginação/criatividade, onde estas podem ser o que quiserem. Por fim, temos a área das construções, onde as crianças podem brincar com legos, carros, uma pista de madeira (encaixe), etc. Á direita, encontra-se a área de reunião e convívio, e de frente para esta, está localizado o quadro de presenças e o calendário que tem as fotos das crianças no dia do seu aniversário e ainda têm oportunidade de desenhar o tempo (chuva, sol, nuvens, ...)

2.3. Caracterização do grupo

Relativamente ao grupo de crianças, este é um grupo heterogéneo, com 25 crianças, com idades compreendidas entre os 2 e os 6 anos de idade. O grupo é constituído por 8 crianças do sexo feminino e 17 crianças do sexo masculino. Neste grupo todas as crianças têm nacionalidade portuguesa.

Em sala está presente uma educadora de infância e uma auxiliar de ação educativa que desenvolvem o seu trabalho em prol do desenvolvimento integral da criança, promovendo o seu bem-estar físico, emocional, social e cognitivo.

Neste grupo temos uma criança diagnosticada com autismo, uma criança com síndrome de oposição e uma criança era acompanhada, uma vez por semana, por um profissional da Equipa Local de Intervenção. Ao longo da semana, várias crianças frequentavam sessões de terapia da fala na instituição. Além disso, este grupo revela um bom nível de autonomia e demonstra espírito de entreajuda. Apesar das diversas dificuldades identificadas, evidenciam competências positivas ao nível das relações interpessoais.

2.4. Organização da Rotina Diária

Ter uma rotina, não ajuda só as crianças, como também ajuda os educadores/adultos, facilitando a transição entre atividades, criando assim, um ritmo que favorece a aprendizagem e o desenvolvimento emocional. Ao saber o que esperar, as crianças sentem-se mais seguras e confiantes, o que lhes permite concentrar-se nas atividades e nas interações sociais. Caso ocorra alguma alteração na rotina, as crianças irão ficar um pouco "perdidas" e isso notar-se-á no comportamento delas ao longo do dia. Por isso, é essencial criar uma rotina, pois esta cultiva hábitos positivos, como por exemplo, a autonomia, a responsabilidade, o respeito pelo outro, preparando e organizando, assim, o seu dia-a-dia.

No que toca à organização da rotina diária, esta segue o modelo curricular HighScope. Segundo, Júlia Oliveira-Formosinho, a rotina deste modelo é estável e constante tornando-se previsível para a criança, assim, esta está menos dependente do adulto. Esta rotina, contribui para a segurança e a independência da criança. (2020, pp. 87 e 88)

Começámos com o acolhimento, onde as crianças partilham as novidades. Sentadas no chão, em roda, é dado o reforço da manhã (lanche), enquanto, vão escolhendo a área que pretendem e o porquê de a quererem. Por volta das onze da manhã fazemos reflexão sobre o que foi feito, vão até ao recreio e ao meio-dia é hora de almoçar. Depois, dependendo da idade, algumas crianças dormem a sesta, outras veem televisão e vão para o recreio. Na parte da tarde temos um momento inter(cultural), onde há espaço para falar da atualidade, contar histórias, etc. Após este momento são realizados os trabalhos em pequeno grupo. Por volta das quatro da tarde é tempo de lanchar, depois voltamos à sala para falar sobre como correu o dia, no fim, vão para o recreio.

Capítulo III – Metodologia de Investigação

Neste capítulo, serão apresentadas as opções metodológicas utilizadas, fundamentando e elucidando o projeto de investigação.

O desenvolvimento deste projeto de intervenção pedagógica foi sustentado na metodologia de Investigação-Ação. Esta é uma metodologia de investigação que integra tanto a prática (ação) quanto a investigação, num processo cíclico. Nesta metodologia, há uma variação progressiva entre compreensão, mudança, ação e reflexão crítica da prática docente. A ideia principal é que os próprios profissionais envolvidos na prática investiguem e reflitam sobre as suas ações, com o objetivo de promover melhorias contínuas no seu trabalho. Por conseguinte, são vários os autores que apresentam inúmeras propostas de definição do conceito Investigação-Ação.

Segundo Coutinho et al. (2009), a Investigação-Ação "pode ser descrita como uma família de metodologias de investigação que incluem ação (ou mudança) e investigação (ou compreensão) ao mesmo tempo, utilizando um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre ação e reflexão crítica" (p. 360). A principal finalidade da Investigação-Ação é unir a teoria e a prática, promovendo a reflexão crítica sobre as práticas educacionais e promovendo mudanças concretas, favorecendo assim, a construção coletiva de conhecimento e a promoção de autonomia. Para realizar a avaliação do projeto de intervenção foram utilizados alguns instrumentos de recolha de dados, como, fotografias, produções das crianças, registos de observação, notas de campo e reflexões semanais, assim, a informação recolhida foi analisada para que o projeto pudesse ser avaliado. Durante a implementação deste projeto, foram desenvolvidas propostas de atividades, tendo como foco a planificação, a ação, observação e reflexão, de modo a garantir a continuidade do processo de intervenção e de investigação.

A metodologia de Investigação-Ação não se restringe apenas a um ciclo, pois é expectável que ocorram algumas mudanças ao longo da prática, tendo por objetivo melhorar os resultados, sendo necessário explorar/analisar, o aglomerado de interações desencadeadas ao longo do processo, podendo haver desvios, assim, é preciso fazer alguns ajustes na investigação. Posto isto, constata-se que a Investigação-Ação se caracteriza por ciclos que ajudam a aprofundar o conhecimento, pois a planificação é realizada tendo em conta a ação, a avaliação e a reflexão (Coutinho et al., pp. 455-479).

Nesta metodologia, podemos destacar algumas particularidades:

- "Participativa e colaborativa" – envolve todos os intervenientes ao longo do processo;
- "Prática e interventiva" – intervém na realidade;

- "Cíclica" – a investigação implica uma espiral de ciclos;
- "Auto-avaliativa" – a avaliação é contínua ao longo do processo, com o intuito do progresso profissional. (Coutinho et al., p.362)

A utilização desta metodologia traz-nos diversas vantagens para a formação de professores/educadores, pois, tal como Moreira afirma (2001, cit., por Sanches, 2005, p.129) caminhámos permanentemente entre a ação e a reflexão encontrando o potencial da Investigação-Ação, enquanto estratégia de formação reflexiva, onde o docente vai regulando de forma contínua a sua ação, com o propósito de melhorar as suas intervenções.

Segundo, as Orientações Pedagógicas para a Creche, o educador de infância, deve garantir que todas as crianças têm oportunidade de beneficiar de diversas experiências, fomentando, assim, o seu desenvolvimento e a sua aprendizagem, proporcionando resultados benéficos/saudáveis ao nível do bem-estar (Marques et al., p.23).

Capítulo IV– Intervenção Pedagógica

Intervenção Pedagógica em Creche

1. Identificação da problemática

No contexto de creche, o projeto de intervenção pedagógica "Explorar os Sentidos: O Papel das Experiências Sensoriais no Desenvolvimento e Aprendizagem das Crianças", surge da observação atenta das ações das crianças perante as diversas atividades, tanto em contexto de sala como no espaço exterior. Este tema pretende proporcionar oportunidades de exploração e descoberta do ambiente ao redor da criança, e promover o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças através de experiências sensoriais, estimulando os sentidos.

Este projeto de intervenção pedagógica visa compreender de que forma as experiências sensoriais influenciam positivamente o processo do desenvolvimento global e as aprendizagens significativas, reconhecendo o corpo e os sentidos como meios privilegiados de exploração e construção do conhecimento.

2. Objetivos e Questões de investigação

Após um breve período de observação, foi possível verificar que as crianças do berçário exploram, acima de tudo, com as mãos e com a boca, e assim, pude perceber que se fossem estimuladas, poderiam alcançar resultados significativamente positivos. Relativamente à natureza, achei que podiam ter mais contacto com a mesma, e assim, levei alguns elementos para a sala para que pudessem explorar livremente e enriquecer o seu conhecimento. Assim, foram desenvolvidas várias atividades recorrendo a elementos da natureza, diferentes texturas, exploração de livros, etc., promovendo uma aprendizagem holística.

Foram definidos objetivos de intervenção pedagógica:

I. Proporcionar diversas experiências sensoriais;
II. Estimular os sentidos (visão, audição, tato, olfato e paladar);
III. Promover e estimular a curiosidade, criatividade e a necessidade de exploração;
IV. Fomentar a exploração do meio através dos sentidos.

3. Concretização da intervenção pedagógica

Nesta secção será apresentada uma descrição das atividades desenvolvidas no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada. As atividades aqui presentes, pretendem apoiar as crianças a explorar e descobrir novos mundos.

Atividade – "O livro da selva"

Os livros devem estar presentes na sala, de modo que a criança os consiga alcançar, para que possa explorá-los livremente, aprendendo a manuseá-los com cuidado.

> (...) é importante que o livro seja tocado pela criança, de forma que ela tenha uma relação muito próxima com o objeto do seu interesse. (...) O livro tem de estar nas mãos das crianças, tanto na sala de leitura quanto na sala de atividades de cada agrupamento (2016, p. 157).

Com esta atividade, pretendi promover o gosto pela leitura e estimular o desenvolvimento sensorial, cognitivo, emocional e social das crianças, através da exploração de um livro sensorial. Para além disso, procurei enriquecer a narrativa com fantoches criados por mim, com materiais reciclados, tornando a atividade mais apelativa e interativa. Tendo por objetivo fomentar a atenção, a escuta ativa e o respeito pelo manuseamento dos materiais.



Figura 1- Bebé – Mogli



Figura 2 - Urso Balú



Figura 3 - Serpente Cá



Figura 4 – Loba



Figura 5 - Macaco e Tigre



Figura 6 - "O livro da selva"

Inicialmente, apresentei a história "O Livro da Selva" em grande grupo, utilizando simultaneamente o livro sensorial e os fantoches que representavam as personagens principais (tigre, macaco, urso, serpente,Mogli e a loba). Os fantoches foram elaborados com garfos de plástico, toalhitas secas, enchimento, olhinhos de plástico, cartolina e canetas, com o intuito de despertar a curiosidade e enriquecer a experiência narrativa. No final da leitura, cada criança teve oportunidade de explorar os diferentes tecidos do livro, com destaque para o urso, pois a sua textura fofa despertou mais interesse. Esta exploração foi realizada de forma partilhada e rotativa, para que todas as crianças tivessem acesso sem esperas prolongadas.

A maioria das crianças mostrou grande envolvimento e curiosidade durante a atividade. Inicialmente, algumas desmonstraram estranheza ao tocar nas texturas, mas rapidamente ultrapassaram essa hesitação e procuraram repetir a experiência. A utilização simultânea do livro e dos fantoches revelou-se algo dispersiva, pois as crianças tinham dificuldade em concentrar-se em ambos os elementos ao mesmo tempo. As crianças focaram a atenção nos fantoches, queriam pegar neles e levá-los à boca, já o livro, queriam ver e manusear (sentir as diferentes texturas) individualmente, durante a leitura deste.



Figura 7,8 e 9 - Exploração "O livro da selva".

Com base nesta observação, decidi repetir a atividade, mas desta vez em pequenos grupos e com uma abordagem diferenciada de acordo com a faixa etária. Com as crianças mais velhas, utilizei apenas o livro sensorial, permitindo uma exploração mais rica e centrada nas imagens e texturas. Com os mais novos, optei pelos fantoches captando assim a sua atenção e o envolvimento emocional com a narrativa. Após a apresentação, estes puderam manusear os fantoches livremente, sob supervisão.

Sara Reis e Ana Margarida Ramos (2014) dizem-nos que na creche continuam a existir escassas situações de contacto com o livro, com a literatura e com a leitura, sendo que, este momento depende apenas das iniciativas individuais e da recetividade e acolhimento recebido por parte das instituições e de quem transmite as histórias às crianças. Como futura educadora, pretendo mudar esta afirmação, espero que as crianças tenham mais acesso e liberdade para explorarem o livro, não só uma vez por semana, mas sim, todos os dias. Todos os dias são bons para se ouvir e explorar uma história.

Atividade – "Exploração do painel sensorial"

A proposta desta atividade teve como principal objetivo estimular os sentidos das crianças, em especial o tato e a perceção sensorial, através da exploração livre de um painel sensorial. Com isto, pretendi promover o desenvolvimento da coordenação motora grossa e fina, incentivar a perceção visual e fomentar a curiosidade e a autonomia das crianças na descoberta de diferentes texturas e materiais.

Esta é uma atividade que se insere numa abordagem holística, respeitando o ritmo e o espaço de cada criança, tal como defendido por Esteves et al. (2018).

O painel sensorial foi construído com diversos materiais: esfregão verde, papel EVA, película aderente, papel crepe, filme alveolar, papel de feltro, ferros com pelos e bolinhas coloridas. Os painéis sensoriais foram colocados diretamente no chão, com o intuito de estimular a exploração com os pés, embora também pudessem ser explorados com as mãos.

A primeira atividade foi realizada em grande grupo. As crianças inicialmente mostraram curiosidade, aproximando-se do painel com alguma hesitação. Com o meu apoio (dando a mão ou segurando-as ao colo, no caso das que ainda não andavam), foram encorajadas a explorar os diferentes materiais. Aqueles que já se deslocavam sozinhos transformaram a exploração num "passeio sensorial", andando para trás e para a frente no painel, reagindo de forma distinta devido à textura dos materiais. Por exemplo, deixavam o pé pousado nos materiais mais fofos (como as bolinhas), mas retiravam-no rapidamente do esfregão, que causava alguma estranheza.

Durante a atividade, as crianças tocaram nos diversos materiais com os pés e, posteriormente, com as mãos. Observaram e reagiram aos estímulos táteis e visuais. Algumas manifestaram uma preferência clara por materiais mais suaves e agradáveis ao toque, enquanto outras demonstravam receio perante materiais mais ásperos ou desconhecidos. A exploração foi realizada de forma livre, permitindo que cada criança reagisse de acordo com o seu interesse e ritmo.

Após a primeira sessão em grande grupo, percebi que a atividade não teve o impacto desejado em termos de tempo e qualidade de exploração, pois o número elevado de crianças limitou a atenção individual e o tempo de interação com o painel. Assim, decidi repetir a proposta, desta vez em pequenos grupos, com o máximo de 4 crianças. Esta reformulação permitiu um acompanhamento mais atento, maior concentração por parte das crianças e uma exploração mais significativa dos materiais.

As crianças sentaram-se ao lado do painel sensorial para tocarem nas diversas texturas com as mãos, também andaram por cima dos painéis para sentirem com os pés, apercebendo-se que quando o pé entra em contato com alguns materiais causa sensações estranhas, como as cócegas, por exemplo.

As crianças demonstraram entusiasmo e alegria, evidenciando aprendizagem através das diferentes reações a cada textura, do uso do corpo como meio de exploração e da observação atenta das ações dos colegas. O painel revelou-se uma ferramenta eficaz para promover a aprendizagem através dos sentidos e desenvolver competências motoras, cognitivas e emocionais.



Figura 10, 11, 12, 13, 14 e 15 - Exploração do painel sensorial com as mãos e com os pés.

Atividade – Quadro sensorial "O campo"

Esta proposta teve como principal objetivo promover a exploração sensorial, cognitiva e motora das crianças através do contacto com materiais naturais e recicláveis, organizados num quadro sensorial intitulado "O Campo".

Através desta atividade, procurei incentivar a observação, a manipulação e a descoberta, proporcionando experiências que estimulam os sentidos e promovem aprendizagens significativas. Inspirada por uma abordagem holística, procurou-se criar um ambiente que valoriza o contacto com a natureza e favorece o desenvolvimento integral da criança (Esteves et al., 2018; Quitério, 2021).

Inicialmente, em grande grupo, apresentei o livro "Descobre os animais, onde e como vivem", de "Bertrand Editora", com o intuito de contextualizar os animais da quinta e do campo. Durante a leitura,

fui relacionando as imagens do livro com os elementos presentes no quadro sensorial, promovendo assim a associação entre texto e realidade física.

O quadro sensorial inclui elementos naturais e recicláveis como madeira, pedras, lã de ovelha, pelo de cavalo, paus de macieira, tampas de garrafas representando maçãs, algodão, corda(sol), papel EVA, papel de feltro, papel celofane, cartolina, botões, olhos de plástico e casca de árvore. As figuras representadas no quadro incluíam animais da quinta (ovelha, vaca, cavalo), elementos da natureza (árvores, erva, nuvens, sol) e insetos (abelha, joaninhas, libelinha e borboleta).

Durante a exploração, as crianças interagiam livremente com os materiais. Demonstraram grande interesse, especialmente pelas tampas que representavam maçãs. Muitas dedicaram-se a tentar enroscar e desenroscar as tampas, trabalhando assim a motricidade fina e a coordenação olho-mão. Uma criança destacou-se por já dominar esta técnica, enquanto outros necessitaram da ajuda do adulto.

Os animais mais atrativos, foram os animais da quinta, mais especificamente a ovelha e o cavalo, pois estes estavam representados com o verdadeiro pelo/lã dos animais, (contacto direto com elementos naturais). As crianças foram descobrindo o quadro sensorial, percebendo que a lã da ovelha e o pelo do cavalo eram verdadeiros, as maçãs (desenroscando) podiam ser colhidas e os paus das árvores foi o que mais chamou à atenção, pois sentiram a sua textura e mostraram interesse em arrancá-los.

Relativamente a algumas reações das crianças, a L. é mais retraída, então precisa do seu tempo para descobrir o que há de novo. Os outros meninos a pouco e pouco foram descobrindo o que havia no quadro sensorial, tocando/sentindo com as mãos e até com os pés, tal como podemos observar nas imagens seguintes:





Figura 16, 17, 18, 19, 20 e 21 - Exploração do quadro sensorial "O campo".

A atividade foi bem-sucedida no que respeita à participação e ao interesse demonstrado pelas crianças. Verificou-se uma envolvência natural, motivada pelo apelo tátil e visual do quadro, revelando-se uma excelente ferramenta para promover o conhecimento e a experimentação através dos sentidos. Tal como defende Oliveira-Formosinho (p.100), ao proporcionar experiências ricas e significativas, a educadora potencia a qualidade curricular e o bem-estar das crianças.

Após uma breve análise, identifiquei aspetos a melhorar, por exemplo, nos elementos visuais, poderei desenhar ou pintar os olhos dos animais, em vez de os colar, tornando-os mais duradouros e esteticamente coerentes; nas garrafas, irei utilizar rolhas ao natural, sem tinta, para facilitar o manuseamento e para que não haja qualquer perigo para as crianças.

Esta atividade reforça o valor do trabalho contínuo e intencional por parte da educadora, esta deve assegurar experiências pedagógicas ricas, pensadas a partir das necessidades, interesses e ritmos das crianças.

Atividade – "O Jardim colorido"

O jardim é um espaço ao ar livre apreciado por muitas pessoas, este, é um local onde há alguma vegetação e, por vezes, onde muita gente convive. A vegetação deste espaço é cuidada para que se torne um ambiente agradável e atraente, onde as pessoas possam disfrutar com qualidade (resumos.soescola, 2023).

A atividade foi realizada em pequenos grupos de quatro crianças, promovendo um ambiente mais tranquilo, permitindo uma maior atenção individualizada. Para dar início à atividade, convidei as crianças a espreitar o que havia dentre de um saco misterioso. Rapidamente se envolveram e começaram a retirar o material de forma autónoma e curiosa.

Para a realização da pintura, preparei gelatina de ananás em pó misturada com água, originando, assim, uma pasta pegajosa e colorida. As crianças tinham à disposição esponjas com formato de flor,

que poderiam usar como carimbos. Assim, o objetivo consistia em carimbar essa pasta pegajosa, para que as crianças formassem as flores nos vasos desenhados pela estagiária. Começaram por experimentar com as esponjas, mas rapidamente preferiram utilizar as mãos, mergulhando-as na mistura e pintando diretamente no cartão. Uma das crianças utilizou a esponja como pincel para pintar os pés, o que demonstrou liberdade na realização da atividade.

Num segundo momento, com a participação das crianças, preparámos uma nova mistura com canela e água, para que pudessem carimbar flores no cartão que continha um vaso desenhado. Esta solução mais líquida despertou novamente o interesse, sobretudo pelo cheiro, e as crianças envolveram-se sensorialmente, mexendo com as mãos e, por vezes, levando à boca para explorar o sabor. Tal era o entusiasmo, decidimos retirar os sapatos e as meias, permitindo-lhes explorar também com os pés, promovendo uma experiência mais completa.

Durante a atividade, as crianças demonstraram curiosidade, iniciativa e grande envolvimento. Tocaram, sentiram, cheiraram e experimentaram livremente as texturas. Mostraram-se especialmente interessadas na mistura com canela, pelo seu aroma e consistência. Utilizaram as mãos, pés e até tentaram aplicar as misturas no corpo, refletindo o prazer pela descoberta.

As crianças apropriam-se do mundo através dos cinco sentidos (Doman & Doman, 2001) e atualmente somos inundados com mensagens visuais, os outros sentidos são um pouco desvalorizados, esquecidos. Torrado diz-nos que:

> ...os nossos restantes dons, que quase sempre complementarizam a informação visual, só ganham autonomia e convicção descodificadora em situações de carência da visão. Não fossem tão frenéticas as mensagens visuais, não fosse tão dócil o nosso comportamento perceptivo, e a liberdade dos sentidos humanos seria mais ampla, mais vitalista, menos condicionada. Seria e poderá vir a ser... Não desiste este livro dos seus apelos à utopia. Como que se profetiza aqui uma era de harmonia sensorial, tão persuasiva e veemente, nas suas correspondências e transparências imagéticas, quanto a da primeira infância (p. 22).

No início da atividade, foi entregue um cartão a cada criança com o intuito de utilizarem os carimbos fornecidos pela estagiária, para formarem as flores. No entanto, conforme se pode observar nas imagens abaixo, as crianças interpretaram que o objetivo da atividade era pintar dentro dos contornos do desenho.



Figura 22, 23, 24 e 25 - Exploração de gelatina de frutos vermelhos



Figura 26- Exposição "O Jardim Colorido"

Atividade – Tintas naturais (cenoura, couve e beterraba)

Esta atividade teve como principal objetivo proporcionar às crianças uma experiência sensorial e criativa, explorando tintas feitas com legumes (cenoura, beterraba e couve) de forma livre e divertida. Pretendi estimular os sentidos (tato, olfato, paladar), promover a expressão artística, a motricidade fina e global, e incentivar a curiosidade através do contacto direto com materiais naturais.

A manipulação de materiais naturais patenteia algumas vantagens, tal como, o desenvolvimento da motricidade, da criatividade e da imaginação por permitirem experiências de jogo mais ricas; oportunidades de experimentar diferentes texturas, tamanhos, cores e cheiros (Bilton, Bento & Dias, 2017).

A atividade iniciou com um "saco misterioso" contendo diversos legumes. Em grande grupo, as crianças foram convidadas a retirar os legumes do saco, podendo tocá-los, cheirá-los e até provar alguns.

De seguida, separei os mais velhos (oito crianças), para realizar a pintura com tintas naturais. Coloquei papel de cenário no chão e apresentei as tintas feitas a partir de legumes cozidos. As crianças estavam à volta do papel, descalças, e podiam utilizar esponjas, legumes ou as próprias mãos e pés para pintar. A textura, a cor e o cheiro das tintas criaram uma envolvência sensorial rica estimulando a participação ativa.

As reações das crianças foram diversas, mostrando o potencial da atividade para promover a individualidade e a criatividade:

- A A. colocou um dedo na tinta e foi tocando de forma leve no papel.
- A L. despejou muita tinta (dois recipientes) nas suas calças e brincou ao faz-de-conta colocando o recipiente na cabeça.
- O B. sentou-se no papel de cenário, perto do recipiente que continha cenoura e ali permaneceu, pintou-se da cabeça aos pés e comeu quase metade da cenoura que havia.
- A S. começou confiante pintando/esfregando no papel, mas, entretanto, pôs-se a pé, escorregou, caiu e ficou com medo, então, após as quedas, ficou sentada e com medo de se pôr em pé.
- A B., com uma cenoura na mão, fez desta um pincel, então molhou a cenoura na tinta de couve e pintou (decalcando com a cenoura).
- Depois da L. despejar a tinta em cima do papel de cenário, colocou-se de pé com a minha ajuda, saltou e deslizou os pés no papel de cenário e voltou a saltar, por um longo período.

Ficaram todos pintados da cabeça aos pés (bom sinal)!



Figura 27, 28, 29, 30, 31 e 32 - Exploração de tintas naturais - couve, cenoura e beterraba.

A utilização de elementos naturais nas brincadeiras/atividades das crianças é uma estratégia sustentável, pelo facto de estes serem facilmente encontrados na natureza. A exploração de elementos da natureza é importante pois chama a atenção para a sua riqueza e diversidade. A sensação de descoberta e deslumbramento influenciam aprendizagens significativas e fortalecem uma ligação emocional da criança com o meio ambiente. É necessário promover este sentimento de pertença à

natureza desde cedo, no sentido de simplificar comportamentos e atitudes ecológicos e sustentáveis ao longo da vida (Bento & Dias, 2017).

A atividade cumpriu os objetivos de forma globalmente positiva. As crianças mostraram grande envolvimento, entusiasmo e criatividade. A utilização de materiais naturais revelou-se eficaz para estimular os sentidos fomentar o respeito pela natureza e proporcionar aprendizagens significativas. As expressões faciais, o tempo de permanência na atividade e a originalidade das ações demonstraram que a experiência foi marcante.

Contudo, foi necessário lidar com um desafio prático: o chão escorregadio. Apesar de termos tentado minimizar riscos, algumas crianças escorregaram. Esta situação permitiu observar como as crianças percebem os limites físicos e ajustam o seu comportamento, como refere Brazelton (1988, p. 104) "as crianças pequenas procuram limites ao seu comportamento." e "Quando começam a sentir que se estão a descontrolar, ou quando não sabem como parar, começam a arreliar ou a provocar os adultos que as rodeiam".

Atividade – "À descoberta da lã"

Iniciei a atividade com a leitura da história "A ovelha que chocou um ovo", de Gemma Mileno, em grande grupo. As crianças mostraram grande entusiasmo ao verem o livro.

A importância dos livros nestas idades, tem muito valor para o futuro destas crianças.

No segundo dia, voltei a apresentar a história da ovelha Lola, o que aumentou a familiaridade com o enredo e as personagens. Após a leitura, propus a exploração sensorial de lã de ovelha. A F., o B., a A. e a L. inicialmente mostraram-se reticentes, afastando a mão. Outras revelaram-se muito envolvidas, chegando a deitar sobre a lá, a deslizar com os pés, a simulá-la como cabelo e separando em pedaços menores, mostrando curiosidade e capacidade de descoberta.

No terceiro dia, em pequenos grupos de quatro crianças, apresentei recortes em cartão com a silhueta da ovelha Lola. Nas zonas do corpo (cabeça, barriga e rabo), apliquei a fita dupla face para que as crianças pudessem colar a lã. A fita adesiva atraiu a atenção de imediato, mas também causou surpresa e até alguma hesitação, pois o cartão colava-se às mãos. Após colarem a lã, as crianças decidiram arrancá-la, divertindo-se com o efeito, o que resultou em ovelhas com lã "muito despenteada".

Assim, percebemos que as crianças necessitam de novos estímulos, um espaço desafiador onde possam explorar os sentidos livremente.

Após a realização das atividades, podemos referir que o espaço e os materiais se assumem como uma dimensão pedagógica muito importante na vida das crianças.

Segundo Villa e Cardo, a aprendizagem na infância não se limita à receção passiva de estímulos sensoriais. O autor defende que a aquisição de conhecimento físico resulta da interação ativa da criança com os objetos, através da manipulação e observação (2005, p.27).

No final obtivemos um belo rebanho, parecido com a "ovelha Lola".

A atividade revelou-se bastante completa e significativa. As crianças foram progressivamente mais recetivas às propostas, interagiram com o livro, com os materiais e com os pares, revelando comportamentos de curiosidade, descoberta e criatividade. A presença da lã verdadeira permitiu uma ligação concreta entre o conteúdo da história e a realidade, o que promoveu aprendizagens sensoriais e cognitivas de acordo com a perspetiva de Villa & Cardo (2005).

Apesar das diversas reações, todas as crianças participaram de forma ativa.



Figura 33, 34 e 35 - Fazer de conta que a lã é cabelo.



Figura 36, 37, 38 e 39 - Exploração da lã.

Atividade – "À descoberta do gelo"

Com esta atividade, pretendi proporcionar uma experiência sensorial estimulante, utilizando gelo como elemento central de exploração. O objetivo principal foi promover a descoberta e o contacto com diferentes temperaturas, texturas, cores e elementos naturais (flores, folhas, paus e frutos), incentivando a curiosidade, o tato, o raciocínio e a linguagem. Através do manuseamento do gelo, as crianças puderam observar transformações físicas e ver as mudanças sobre o estado da água, a passagem do tempo e a relação causa-efeito.

Antecipadamente, em casa, preparei luvas de látex com água, flores, folhas, paus e groselhas, que congelei e levei para a creche num recipiente térmico. Apesar das dúvidas iniciais relacionadas com o tempo, e após o diálogo com a educadora cooperante, decidimos realizar a atividade na sala, onde a temperatura estava apropriada. Deixámos as crianças apenas em fralda para que pudessem explorar o gelo com liberdade e conforto.

Inicialmente, ofereci as luvas ainda intactas, o que despertou grande curiosidade. Após algum tempo, retirei as luvas, expondo o gelo. As crianças exploraram livremente os blocos de gelo com os elementos já referidos, utilizando mãos e boca para tocar, apertar, lamber e até morder, numa autêntica vivência sensorial.

A atividade foi realizada um grande grupo, dado que a equipa educativa estava reduzida, o que justificou a opção por manter todas as crianças juntas para facilitar a vigilância e garantir a segurança.

As crianças foram explorando o gelo, com as mãos, levando à boca, para descobrirem quais os elementos que estavam contidos no gelo. O B. e a A. lamberam o gelo e quando descobriram as groselhas, comeram-nas.





Figura 40 - Luva congelada com flores, paus, folhas, groselhas e água. Figura 41 - Exploração do gelo.



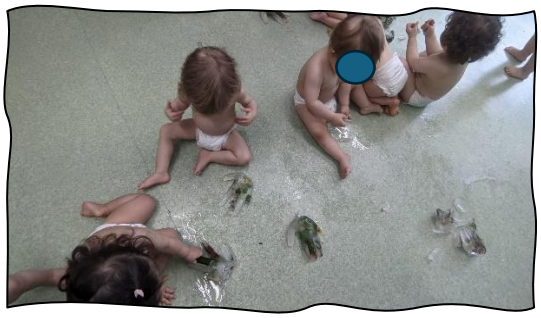


Figura 42 e 43 - Exploração do gelo.

As crianças ao longo das atividades constroem ativamente conhecimentos e desenvolvem as primeiras ideias sobre o mundo e os fenómenos físicos no contacto com diversas situações diárias, nomeadamente, através do contacto direto com materiais e objetos, neste caso, o gelo e o que este continha.

Por fim, apesar da atividade ter sido realizada no espaço interior, esta decorreu com entusiasmo, estando o grupo envolvido e motivado. O único aspeto menos positivo foi a limitação do espaço e a necessidade de uma limpeza rigorosa após a sessão, o que exigiu uma logística extra.

Dado o sucesso da atividade, planeei uma nova versão com animais da selva de brinquedo, adaptando o conteúdo ao contexto do projeto em curso. Assim, deixei o material preparado para que numa próxima oportunidade a educadora cooperante possa realizar a atividade.

Análise reflexiva de intervenção pedagógica no contexto de Creche

Relativamente à avaliação do projeto, este tema, surge no seguimento da observação das crianças e como estas reagem às diversas atividades, tendo em conta o local onde estas ocorrem (na sala ou no espaço exterior).

Com este projeto de intervenção pedagógica, as crianças estimularam os cinco sentidos através de experiências sensoriais diversificadas, como a manipulação de diferentes texturas (paus, vários tipos de papel, água) e o contacto com aromas naturais, como as groselhas e o alecrim, utilizados na atividade do gelo; aperfeiçoaram a perceção sensorial e a consciência do corpo, na atividade das tintas naturais, tiveram oportunidade de usar o corpo de forma integral, pintando com as mãos e com os pés, numa experiência de grande envolvimento físico e emocional; a exploração de materiais favoreceu o desenvolvimento da curiosidade (explorar a gelatina e a canela em pó), o pensamento crítico e a construção de conhecimento, havendo uma relação direta com os materiais e a partilha com os pares, por vezes, as crianças ofereciam o brinquedo ao amigo e até mesmo carinho; a narração de histórias promoveu o enriquecimento do vocabulário e o uso de elementos naturais incentiva a criatividade, por exemplo, na atividade da descoberta da lã, a B. e a A. colocaram lã nas suas cabeças, fazendo de conta que esta fazia parte do seu cabelo. É importante destacar o desenvolvimento motor, a relação com o outro e a autonomia.

Assim no espaço exterior/natureza a criança tem oportunidade de construir uma nova perspetiva do seu mundo.

À medida que a criança aprende, esta não aprende só, nem apenas pela mediação do adulto. Tal como Oliveira-Formosinho refere, a criança deve ter tempo para ter interações diferenciadas, tais como, criança-criança, criança-adulto, pequeno grupo, grande grupo ou mesmo sozinho (Oliveira-Formosinho, 2020, p.87). Ao longo do estágio, pude observar estas interações, havendo atividades em

grande e pequeno grupo e, dentro destas, as crianças acabam por interagir umas com as outras, ou, por vezes, com elas mesmas.

Como futura Educadora, posso dizer que nós, profissionais, temos a capacidade de estimular a curiosidade da criança, desafiá-la e provocá-la para que consiga alcançar/concluir as atividades de forma autónoma e com sucesso.

Segundo, as Orientações Pedagógicas para a Creche, o educador de infância, deve garantir que todas as crianças têm oportunidade de beneficiar de diversas experiências, fomentando, assim, o seu desenvolvimento e a sua aprendizagem, proporcionando resultados benéficos/saudáveis ao nível do bem-estar. (Marques et al., p.23)

Intervenção Pedagógica em Jardim de Infância

1. Identificação da Problemática

No contexto de Jardim de Infância o projeto de intervenção pedagógica "Exploradores da Natureza: A Criança como Protagonista", tem em conta os interesses das crianças. Transversalmente, o tema tem como foco a interação das crianças com o mundo natural, especialmente com os animais, este, desempenha um papel fundamental no seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social. O tema "Exploradores da Natureza: A Criança como Protagonista" aborda um todo, sendo que, iniciámos com a investigação/exploração sobre minhocas. Neste sentido, o educador deve planear a intervenção tendo em conta os interesses das crianças, as suas ações e a observação realizada ao longo do projeto educativo.

2. Objetivos e Questões de Investigação

De acordo com a problemática apresentada surgiu a seguinte questão, "De que forma a curiosidade e o contacto direto com animais contribui para o conhecimento do mundo natural e o respeito pelo ambiente?"

Esta questão mostra-nos de que forma as crianças aprendem sobre determinado assunto, bem como a sua perceção do mundo, a maneira como o abordam e outros aspetos relevantes. É evidente que a curiosidade natural das crianças e o contacto direto com o que os rodeia, são elementos essenciais para que adquiram conhecimento de forma mais rápida, eficaz e autónoma. Através da exploração ativa

e da experimentação, as crianças constroem o seu próprio entendimento da realidade, desenvolvendo competências importantes para o seu desenvolvimento integral.

No âmbito da presente investigação, propõe-se como objetivos analisar de que forma a experiência com animais influencia o conhecimento que as crianças desenvolvem sobre os mesmos, bem como investigar os modos de participação das crianças na pesquisa relacionada com o mundo animal. Em termos de intervenção, pretende-se promover a compreensão e o respeito pelas diversas espécies de animais, recorrendo a histórias e atividades que abordem as suas vidas, necessidades e sentimentos. Visa-se, igualmente, fomentar atividades que incentivem a exploração ativa e a aprendizagem sobre a biodiversidade e os habitats naturais, promovendo, de forma transversal, a consciencialização das crianças para a importância dos animais e da preservação do meio ambiente.

3. Concretização da Intervenção Pedagógica

Atividade I

A implementação do projeto teve início com a adoção da metodologia de trabalho por projeto, valorizando a participação ativa das crianças no processo de aprendizagem. Este método assenta na flexibilidade, criatividade e integração funcional do conhecimento, permitindo que as crianças construam saberes de forma significativa (Kilpatrick, 1926: 205).

O ponto de partida foi a apresentação de um quadro com 4 questões orientadoras:

- O que sabemos?
- O que queremos saber?
- Como procurar?
- O que precisamos?

Em conversa com as crianças e a educadora cooperante, as crianças mostraram interesse em saber mais sobre minhocas, colocando questões como, "Será que tem boca?", "Será que tem olhos?", "Será que salta?", etc.

Dando seguimento ao trabalho, foi promovida uma conversa em grande grupo com o objetivo de identificar os conhecimentos prévios das crianças sobre as minhocas. Durante o diálogo, registei diversas contribuições:

- **Aspetos físicos:**

M: "Só tem boca, não tem olhos".

S: “Tem a barriga muito grande (queria dizer que a minhoca é comprida)”.

S: “São pretas”.

M: “Algumas são rosa”.

R: “Há minhocas castanhas”.

- Comportamentos

A: “Se falar muito alto com as minhocas elas fogem”.

A: “Não podem ouvir sem orelhas”.

S: “As minhocas escondem-se”.

M: “Ah, as minhocas escondem-se debaixo da terra”.

M: “Elas escavam”.

-Conceções alternativas:

S: “Tem muitas pernas em baixo”.

A: “As minhocas têm pernas e saltam.”

A: “As minhocas picam”.

Este foi um momento precioso, pois pude perceber o nível de compreensão do grupo, podendo assim, identificar ideias a explorar, clarificar ou aprofundar. Tal como refere Silva et al. (2016, pp.49 e 50), o diálogo desperta na criança o desejo de querer ver mais e de descobrir novos elementos, potenciando o estabelecimento de relações entre as suas vivências e novos conhecimentos.

Posto isto, a partilha das crianças demonstra que estas já possuem um vasto conhecimento sobre o corpo e o comportamento das minhocas. As ideias espontâneas das crianças revelam curiosidade e criatividade, exigindo investigação para responder a todas as dúvidas. É notória a vontade de explorar, investigar e experimentar, sendo estes, elementos essenciais para que haja uma aprendizagem significativa.

Após esta primeira abordagem, as crianças foram desafiadas a fazerem a primeira representação da minhoca em barro:





REPRESENTAÇÃO DE UMA MINHOCA EM BARRO













Figura 44 e 45: Representação de uma minhoca em barro.

O manuseamento do barro foi uma experiência sensorial rica, onde as crianças tiveram oportunidade de estimular a criatividade e a coordenação motora. Cada criança fez uma representação de uma ou várias minhocas, podendo, assim, observar que estamos perante diferentes níveis do domínio da manipulação do barro e de compreensão.

Ao longo da atividade, no processo criativo, foi essencial haver diálogo e observação. No decorrer da mesma, a estagiária apoiou as crianças de forma que estas pudessem enriquecer as suas representações.

O material utilizado (barro) requer algumas técnicas, então no início da atividade a estagiária explicou e exemplificou como manusear este material.

A estagiária foi mantendo o diálogo com as crianças e estas estavam entusiasmadas para falarem sobre o que tinham feito:

J: "Isto é a cabexa a minhoca" (apontando para a mesma).

K: "Eu já fiz minhocas, olha! Um, dois, tês (apontando para elas)".

Estagiária: "Como é que se chamam as minhocas, não tem nome?"

K: "Este é o bebé, este é o papá e este é, este é, é o papá."

Estagiária: "É o papá duas vezes?"

K: "Não, é a mamã."

Estagiária: "Ah, então é o bebé, o papá e a mamã".



Na imagem 3, a criança referiu, "Aqui está uma minhoca, aqui está outra minhoca e aqui tem uma minhoca debaixo da pedra".

É curioso este ponto de vista da criança, conseguimos, assim, perceber que já tem alguma ideia sobre onde as minhocas se podem encontrar.

Figura 46- Representação de uma minhoca em barro.

O primeiro momento do projeto foi extremamente rico, pois permitiu às crianças expressar o que já sabiam, enquanto à educadora cooperante e a mim, permitiu-nos recolher informação essencial para seguir com o projeto. Na metodologia de projeto o levantamento de saberes prévios é uma fase determinante, pois permite que as crianças construam novos conhecimentos.

Atividade II

No seguimento do trabalho de projeto, tínhamos como objetivo responder às questões iniciais "O que queremos saber?", "Como procurar?", "O que precisamos?", presentes no quadro inicial do projeto.

(...)

Estagiária: "Olhem, sabem o que diz aqui nas curiosidades. As minhocas podem construir galerias subterrâneas (são túneis) com 2.5m de profundidade."

S: "Elas escavam até muito longe e conseguem-se esconder debaixo da terra."

Estagiária: "Conseguem, se elas escavam 2,5m, ficam lá debaixo, elas andam lá debaixo, elas normalmente só vêm cá fora quando chove muito para respirar."

S: "Deste-me uma ideia."

S: "Elas vêm cá acima ao balde, nós apanhamos, e pronto, já está, só que temos que trazer o guarda-chuva, porque num podemos ir à chuva."

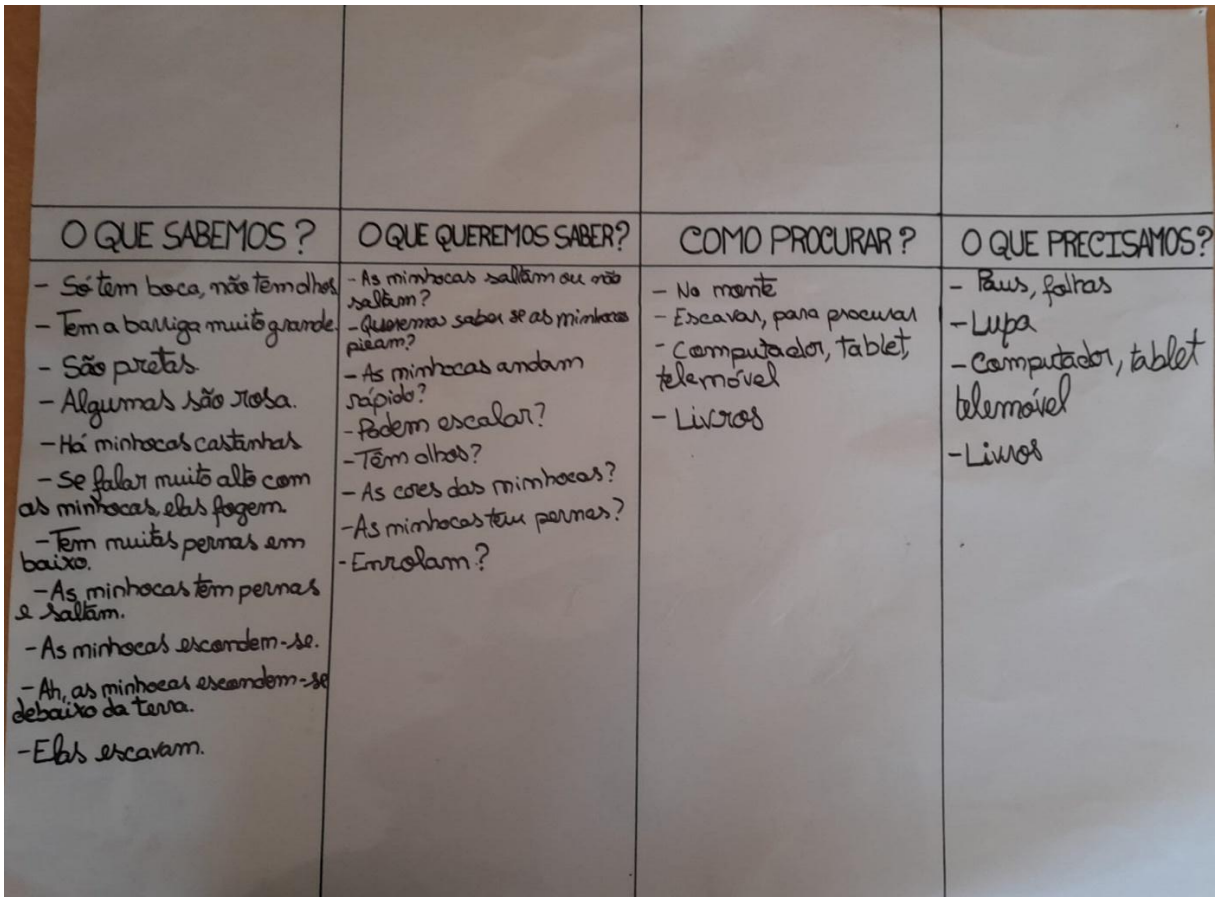


Figura 47: As respostas das crianças.

Numa nova fase do projeto pretendia-se incentivar a investigação, a curiosidade e o pensamento crítico das crianças, envolvendo-as no processo de construção do conhecimento. Nesta etapa, promovemos o uso de tecnologia (computador), o diálogo, a partilha de ideias e a observação direta da natureza como formas de aprendizagem ativa.

A atividade foi realizada em pequenos grupos, com o apoio da estagiária, através da pesquisa no computador, sobre "O que queremos saber?". As crianças participaram de forma ativa na procura de informação, mostrando-se entusiasmadas ao descobrir que existe uma espécie de minhoca chamada Amynthas agrestis que pode saltar até 30 centímetros. Através desta informação conseguimos responder à primeira pergunta formulada pelas crianças.

(...)

Estagiária: "Aqui também diz que as minhocas podem medir até 30cm de comprimento."

S: "Muito longe, eu acho que podem vir até aqui (apresentando uma medida com as mãos)."

Estagiária: "E têm capacidade de renovar o corpo."

Ao longo da pesquisa, surgiram outras questões sobre o corpo das minhocas, nomeadamente "As minhocas têm ossos?", "Como veem?", "Quantos corações têm?", etc. Assim, as crianças descobriram que as minhocas são invertebradas, pois não possuem ossos e podem ter até 5 corações. Através da pesquisa em computador, as crianças, aprenderam sobre fotorrecetores, pois, mesmo sem olhos, as minhocas conseguem orientar-se, etc.

Estagiária: "Sabem o que quer dizer invertebrado?".

Crianças: "Não!".

Estagiária: "É que ele (animal) não tem esqueleto".

Estagiária: "Imaginem, nós somos vertebrados..."

S: "Nós temos ossos."

S: "As minhocas não têm ossos."

Estagiária: "As minhocas não têm ossos, por isso, é que são invertebrados."

R: "Eu tenho um livro que fala disso."

Estagiária: "Queres trazer para mostrar aos amigos?"

R: "Sim!"

Estagiária: "Boa, depois vamos ver!"

Estagiária: "Nós somos vertebrados porque temos ossos, já imaginaram se não tivéssemos ossos, o nosso corpo seria mole como as minhocas."

(...)

Estagiária: "Vocês sabem quantos corações a minhoca pode ter?"

Estagiária: "quantos corações é que nós temos?"

Crianças: "Uuummm."

Estagiária: "E sabem quantos é que elas podem ter?"

S: "Três."

Estagiária: "Elas podem ter no máximo cinco corações."

S: "Cinco corações! Isso é o corpo todo dela!"

Estagiária: "Para bombear o sangue para o corpo todo."

Estagiária: "E depois diz assim, alguns já falaram disto, as minhocas não têm olhos, mas como não têm olhos, têm fotorreceptores."

S: "O que é fotorreceptores?"

Estagiária: "Isso é, elas ao longo do corpo..."

S: "Dentro do corpo têm olhos?"

Estagiária: "Não, fotorreceptores, aquilo está na pele delas e elas conseguem detetar a luz."

S: "Então eu acho que elas têm visão noturna, não têm óculos, de a sério, mesmo óculos, mas têm visão noturna não têm?"

Estagiária: "Elas andam lá debaixo da terra, por isso, podemos dizer que sim, porque elas gostam do escuro, não gostam da luz."

(...)

Relativamente ao corpo das minhocas, através da pesquisa em computador e observação de imagens, descobrimos que no primeiro segmento do corpo inicia-se o sistema digestivo, onde se localiza a boca, esta tem algumas funções, como por exemplo, apreender e empurrar o alimento para dentro e ainda definir a direção da escavação. Durante esta pesquisa tivemos oportunidade de ver algumas fotos, onde as crianças conseguiram ver onde se situa a boca, o cordão nervoso (uma linha que sobressai no corpo da minhoca) e conseguiram identificar os anéis presentes no corpo da mesma.

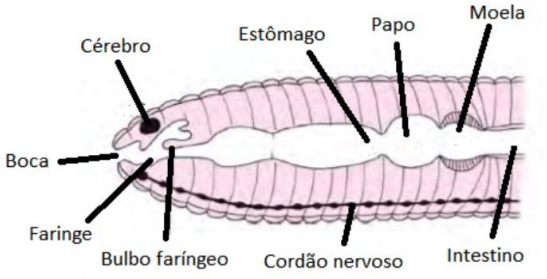


Figura 48: O interior do corpo da minhoca.

Quando observaram a figura 2, a ideia inicial era mostrar onde se situava a boca, mas as crianças acabaram por mostrar interesse em conhecer todo o corpo. Ao tomarem conhecimento do mesmo, optei

por fazer algumas comparações com pessoas e animais. Por exemplo, a galinha também tem papo e moela e nós, humanos, temos faringe (apontei para a zona da garganta) e estômago.

No dia seguinte, em sala, as crianças realizaram uma experiência com minhocas. Numa caixa com terra, dividida em duas partes (seca e húmida) puderam observar o comportamento das minhocas. Com garrafas de água humedeceram a terra, e observaram os movimentos da minhoca. Esta, mostrou preferência pelo lado húmido, podendo, assim, as crianças confirmar o que tinham descoberto na pesquisa.

(...)

S: "Olha, a minhoca está a ir para o lado que tem água."

A: "Pois! Há bocado vimos isso no computador com a Armanda, elas gostam mesmo de água."

M: "Agora está a escavar para ir para o fresquinho, debaixo da terra."

Estagiária: "Exatamente, a minhoca foi à procura de um local húmido e fresco."



Figura 49: Experiência, a minhoca vai para a zona húmida?

Apesar da experiência ter ocorrido em sala, as crianças estiveram em contacto/observaram a vida animal, a interação com a Natureza pode ser percebida em espaços naturais ou construídos e esta interação pode ser mais ativa ou mais contemplativa, sendo determinante o espaço onde nos encontrámos (Neto, 2020, p.152).

A atividade revelou-se extremamente rica do ponto de vista pedagógico. As crianças tiveram oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos sobre as minhocas, desenvolver competências de investigação, observação e raciocínio.

S: "A minhoca está a ir para o lado que tem água."

A: "Pois, está. Ela rasteja!"

M: "Olha, olha! Ela está a escavar para ir para debaixo da terra, lá ela está melhor, ela gosta mais porque também é escuro."

Estagiária: "Muito bem, vocês aprenderam muitas coisas hoje e conseguiram descrever o que a minhoca estava a fazer e também já sabem que ela gosta mais do escuro."

No decorrer desta fase é demonstrado que o saber se amplia a cada nova pergunta e as crianças mostraram-se verdadeiramente interessadas para continuar a explorar o mundo.

Atividade III

No seguimento do projeto, o objetivo desta atividade foi aprofundar a investigação através da pesquisa digital e da observação de imagens, para dar resposta às questões: "O que sabemos?" e "O que queremos saber?". Nesta fase pretendia-se estimular o pensamento científico e investigativo, explorar novas questões, relacionar os conhecimentos adquiridos com novos conceitos, desenvolver a linguagem oral e o raciocínio lógico e incentivar a construção partilhada de conhecimento através do diálogo.

Em pequenos grupos, as crianças continuaram a investigação, com o apoio da estagiária, recorrendo ao computador. O que procuravam e o que encontraram?

No decurso da pesquisa as crianças encontraram outros animais, surgindo algumas questões:

A: "Olha o caracol, este não é igual a este (apontando para as imagens)."

Estagiária: "São invertebrados como as minhocas."

S: "Invertebrados não têm ossos."

Estagiária: "Os caracóis, ..., a forma deles é espiral, eles comem...ervas."

S: "Folhas."

Estagiária: "Sim, é porque eles são herbívoros."

A: "E folhas."

A: "Eles como andam?"

S: "Mamíferos somos nós."

Estagiária: "Andam como as minhocas."

A: "Mas elas arrastam?"

S: "Arrastam!"

(...)

Estagiária: "Olha, os tentáculos situados aqui em cima na cabeça do caracol são os que permitem o caracol sentir e os olhos estão nas pontas dos tentáculos maiores."

Estagiária: "Os olhos estão aqui (apontando para a imagem) e o olfato, eles respiram por estes pequeninos (apontando para a imagem), sabiam? E os caracóis não ouvem."

A: "Este caracol tem uma coisa grande e este é pequeno (apontando para a imagem)."

Estagiária: "Ela está aqui só que não dá para ver muito bem, o ângulo da fotografia cortou."

No decorrer da pesquisa, desviámo-nos um pouco do foco inicial, descobrindo novos animais e as suas características. Assim, tivemos oportunidade de explorar novos conteúdos e alargar horizontes, afastando-nos momentaneamente do nosso projeto. Após a aquisição de novos conhecimentos, retomámos o foco inicial, dando continuidade ao desenvolvimento do nosso projeto.

(...)

Estagiária: "E sabem o que é isto?"

S: "É para as minhocas comerem."

Estagiária: "É o húmus que elas fazem."

Estagiária: "Aqui diz assim, "as minhocas possuem grande importância económica e ecológica, pois ao revolverem o solo, ao virarem o solo, melhoram o arejamento e a textura""

A: "Mas quando comem esta quantidade de terra elas não ficam com dor de barriga?"

Estagiária: "Não, elas comem muita terra."

(...)

A: "Olha, aqui uma barata!"

Estagiária: "Está mal, não é uma barata, é um escorpião."

A: "O que é que é um escopião?"

Estagiária: "É um escorpião, o suricata está a comer um escorpião."

A: "Se tivéssemos um escopião na sala é que era pior."

Estagiária: "Não podíamos ter aqui um escorpião."

S: "Então fugíamos pra lá pra fora."

Estagiária: "Diz aqui assim, "os escorpiões são peçonhentos"."

A: "Mas eles têm veneno?"

Estagiária: "Eles têm uma parte do corpo que produz veneno."

S: "É a boca."

Estagiária: "É uma glândula, têm uma glândula lá dentro, isto é muito complicado para vocês, depois aprendem quando forem para a escola, mas tem uma parte do corpo deles que produz o veneno."

S: "Olha, um dia quando for para a escola primária vai lá."

Estagiária: "Vou lá?"

S: "Que assim é mais fácil para eu perceber, senão, não percebo."

Estagiária: "Olhem, tal como as minhocas e os caracóis, eles também são invertebrados."

S: "Invertebrados, quer dizer que não tem ossos e ..."

(...)

Estagiária: "Sabem o que está aqui, isto é a alimentação das minhocas."

S: "Eu acho que elas comem isto tudo, isto tudo, isto tudo e isto."

Estagiária: "Elas comem panquecas."

S: "Com manteiga de amendoim?"

Estagiária: "Manteiga de amendoim não comem."

S: "Então o que é que é isto que tá aqui preto."

Estagiária: "Foi a panqueca que tostou."

S: "Queimou muito."

Estagiária: "Sabem o que é que as minhocas podem comer? Os vegetais em geral, fruta, cascas de ovo (pouco e triturado), melão (casca e tudo), a melância."

S: "Casca e nada."

Estagiária: "Isto são borras de café, podem comer abóbora (casca e tudo), batatas, bananas (casca e tudo), feijão, folhas de chá, resíduos de jardim (quando cortámos a relva, por exemplo), uvas, espigas de milho, papel e cartão."

S e A: "Casca e tudo."

Estagiária: "Papel e cartão não tem casca, no caso, é cortado e molhado."

Ao longo da sessão, o diálogo foi um elemento essencial. À medida que observavam as imagens e ouviam as informações, as crianças reagiam com entusiasmo, expressavam opiniões e partilhavam experiências pessoais. Além disso, as crianças aprofundaram o conhecimento sobre o papel ecológico das minhocas, como por exemplo o processo de produção do húmus e os benefícios que trazem ao solo.

Esta foi uma atividade enriquecedora, tendo as crianças mostrado envolvimento e curiosidade ao longo do processo. As crianças apropriaram-se de novos conceitos, interiorizando conhecimentos complexos de forma lúdica e contextualizada, desde a alimentação das minhocas, a produção de húmus, etc. A observação de imagens, aliada à explicação, permitiu que os novos conteúdos fossem bem compreendidos.

"A autoconfiança das crianças e as amizades florescem num contexto em que os adultos interagem com elas de forma apoiante ao longo do dia" (Hohmann & Weikart).

A aprendizagem foi construída com base no diálogo, na exploração visual e, acima de tudo, na curiosidade das crianças.

Atividade IV

Nesta fase, para dar continuidade ao projeto, foi proposto abordar o tema da compostagem, com o intuito de aprofundar conhecimentos. A ideia de realizar compostagem surge do conhecimento da alimentação da minhoca e da produção de húmus. Neste ponto, pretendia-se despertar a consciência ambiental, explorar o conceito de compostagem e qual a sua utilidade, identificar quais os alimentos que se podem colocar nesta e fomentar a linguagem oral, o pensamento crítico e a criatividade.

Ao iniciar este tema foram apresentadas imagens relacionadas com o processo de compostagem (alimentos, resíduos orgânicos, elementos da floresta, etc.). Nestas idades recorrer a recursos visuais facilita o reconhecimento, por parte das crianças.

Em grande grupo, falámos sobre em que consiste a compostagem, como funciona e qual o papel fundamental das minhocas neste ciclo.

Estagiária: "Isto são cascas de tangerina, são restos de comida. É o que as minhocas comem, normalmente. (...) O que é que temos aqui? (apontando para a imagem)."

Crianças: "Comida! Parece comida..."

Estagiária: "É comida, mas, por exemplo, vocês vão ao lanche e comem uma banana, o que é que fica?"

S: "A casca."

Estagiária: "Exato, e com essa casca podemos dar de comer à minhoca."

(...)

Crianças: "É, é, é, folhas, é relva, é relva..."

Estagiária: "Elas (minhocas) também gostam dos restos da relva. Para além da relva ainda temos mais o quê?"

Crianças: "Folhas!"

Estagiária: "Folhas, mas as folhas têm que ser secas."

(...)

Estagiária: "Aqui, esta é uma imagem mais complicada, sabem o que é isto?"

S: "É palha, palha, palha."

Estagiária: "Isto são raízes"

Crianças: "Raízes, raízes, ..."

S: "Eu pensava que era palha."

Estagiária: "Isto é raízes de plantas, árvores, normalmente é das plantas porque é mais fácil para elas comerem, não é tão duro."

M: "Ainda bem que não é raiz das árvores."

Estagiária: "As raízes das árvores são muito duras para elas comerem, tem que ser triturado, como quando nós serramos com a motosserra, e fica aquele serrim, esse serrim também podemos deitar lá, mas tem que ser pouquinho."

(...)

Estagiária: "Depois temos a borra de café, abóbora, batatas, feijão, gostam de chá, das folhas de chá e das ervinhas que estão dentro dos saquinhos de chá, restos do jardim, papel e cartão, mas tem que ser molhado, ..., palha, ..., pão, ..., e sabem o que elas também gostam muito, massa de pizza, ...,"

(...)

Estagiária: "Sabem o que é que elas não podem comer?"

S: "Não podem comer ovos fritos."

Estagiária: "Exato. Não podem comer nada que tenha gordura e também não podem comer ovos, só podem comer as cascas deles."

S: "Não podem comer carne de porco que tem gordura."

Estagiária: "Elas não podem comer carne nenhuma, nem peixe e nem marisco."

(...)

Em pequenos grupos, estava planeado realizar três atividades, das quais, o jogo "o que a minhoca come e não come", recorte de jornais para usar na compostagem e desenho livre com borra de café. Devido a um imprevisto, o jogo foi substituído por uma atividade do projeto da sala sobre a cidade.

No decorrer das atividades as crianças participaram ativamente, realizaram desenhos onde representaram minhocas, alimentos e o solo. Deram nomes às suas representações e descreveram-nas com entusiasmo. As crianças participaram de forma ativa e expressiva nas atividades, demonstrando compreensão dos conteúdos através da representação gráfica e da linguagem. As produções das crianças evidenciaram envolvimento emocional e cognitivo, permitindo consolidar aprendizagens. Alguns registos das crianças:

S: "Aqui, hummm, aqui as minhocas, e aqui é comida e aqui é panqueca e aqui tem outras minhocas e aquela tá a comer pão, e aqui é o solo."

Estagiária: "O solo? Boa!"

S: "E atrás escrevi o nome."

(...)

M: "Ito é uma panqueca."

Estagiária: "Uma panqueca gigante! E à volta são as minhocas a comer a panqueca?"

M: "Sim. E ito é a casa da minhoca."

Estagiária: "A casa da minhoca, muito bem! E mais?"

M: "Ito é o cesto."

Estagiária: "Para que é o cesto?"

M: "Para levar a comida."

Estagiária: "Para levar a comida às minhocas?"

M: "Eu tava a dar de comer."

Estagiária: "Eras tu que estavas a dar de comer às minhocas?"

M: "Tava a dar pão à minhoca."

Estagiária: "Boa, muito bem!"

M: "Eu escvi (escrevi) o meu nome."

Estagiária: "O que está aqui?"

M: "Isso é uma baguete."

Estagiária: "E aqui?"

M: "Outo pão."

Estagiária: "E agora aqui?"

M: "Isso é outa casa douta minhoca, aqui outa casa e aqui outa casa e aqui é uma casa de coração."

(...)

D: "Desenhei aqui uma minhoca, outa minhoca, outa minhoca."

Estagiária: "Onde está a comida da minhoca?"

D: "Tá aqui a comida da minhoca."

Estagiária: "Qual é a comida da minhoca?"

D: "Comida da minhoca pa comer."

Estagiária: "Mas que comida é?"

D: "Isso é uma panqueca, isso é ovo de casca e tem minhocas aqui."

(...)

Estagiária: "Então, o que é que tens aí?"

A: "Aqui é panqueca, aqui é laanja."

Estagiária: "É uma laranja inteira ou é só a casca? Elas não podem comer laranja, elas só podem comer a casca e tem que ser seca."

A: "É a casca. Aqui é o pó de café."

Estagiária: "Boa! E mais?"

A: "Aqui é pêea (pêra), e aqui é a casca da banana. E aqui é o homem a deitar de comer às minhocas."

Estagiária: "Boa, muito bem!"

A: "Aqui é relva."

A adaptação das atividades revelou-se eficaz, permitindo uma exploração ativa e significativa. Já a exploração do tema da compostagem alargou os horizontes das crianças relativamente ao mundo natural, percebendo que existe um ciclo, onde iniciámos e terminámos no mesmo ponto. Foram várias as abordagens utilizadas pelas crianças, das quais, a abordagem visual, através da observação de imagens; o diálogo, enriquecendo a linguagem oral, o pensamento crítico e a participação ativa, o desenvolvimento sensorial e a exploração (borra de café, contacto direto com os animais); e ainda, os desenhos realizados que permitiram a expressão de ideias e conhecimentos.

As diferentes abordagens permitiram que as crianças se expressassem de forma autónoma, consolidando a aprendizagem e os conhecimentos adquiridos. Assim, a atividade cumpriu os seus objetivos, onde a interação com imagens e o diálogo contínuo foram fundamentais para consolidar conhecimentos.

Atividade V

Inicialmente esta atividade consistia em realizar uma saída à floresta para recolher elementos naturais (folhas secas e terra) e observar minhocas. Assim, tínhamos como objetivo, promover o contacto direto com a natureza e incentivar comportamentos sustentáveis.

Devido a um imprevisto, foi necessário adaptar a atividade ao espaço exterior do Jardim de Infância, mantendo os objetivos iniciais. Iniciámos a manhã com um momento intercultural, voltando a abordar o tema da compostagem, apresentando baldes furados para construirmos o nosso compostor (por motivos de segurança, essa tarefa não foi realizada pelas crianças).

Durante a conversa fomos relembrando algumas ideias sobre compostagem e ainda como é que podíamos construir um compostor. No exterior, em pequenos grupos, as crianças recolheram terra e folhas secas que mais tarde seriam utilizadas na montagem do compostor. No balde superior foi colocada uma camada de terra e folhas secas, seguida de restos orgânicos (casca de banana do lanche), cuidadosamente partidos em pequenos pedaços pelas crianças.




Figura 50 e 51 - Recolha de vários elementos para a compostagem no espaço exterior do Jardim de Infância.




Figuras 52 e 53: Compostagem. As crianças colocaram borras de café na compostagem.

Durante a tarde, retomámos, o quadro do projeto, relembrando as perguntas formuladas anteriormente. Ao longo da revisão do quadro surgiram dúvidas, então decidimos realizar novas pesquisas.

- "Queremos saber se as minhocas picam.".

- "Podem escalar?".

- "As minhocas têm pernas?".

As crianças recolheram elementos naturais, construíram um compostor, partilharam conhecimento e demonstraram curiosidade ao recordar e debater perguntas do quadro do projeto.

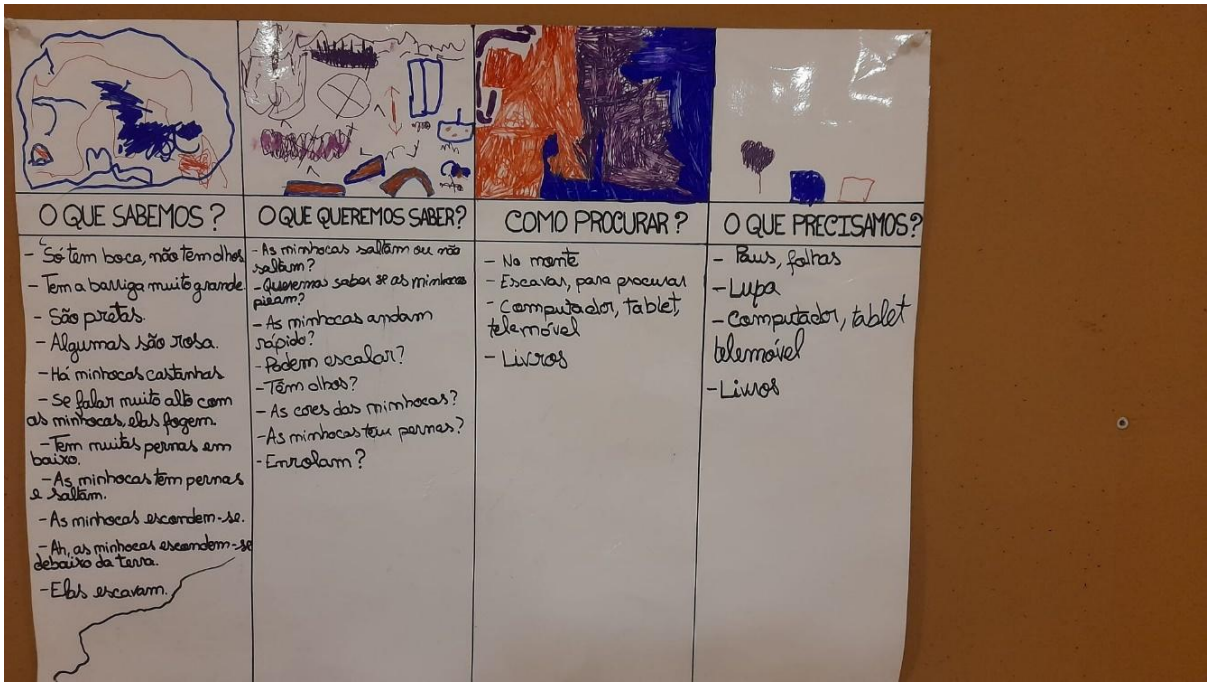


Figura 54 - Quadro do projeto, completo.

Nos momentos de ação prática pude observar como o diálogo e a reflexão promovem aprendizagens profundas e contextualizadas. É notório o envolvimento das crianças e a sua curiosidade, reforçando a necessidade de proporcionar contextos ricos em exploração e descobertas. Neto (1995), salienta que o movimento e a interação com o meio são essenciais para o desenvolvimento integral da criança. Através da observação é demonstrado que os momentos de interação são uma oportunidade de aprendizagem, não só para as crianças, mas também para mim enquanto profissional em formação. Esta atividade reforça o conhecimento, potencia o trabalho em equipa, o pensamento crítico e a responsabilidade.

Atividade VI

Nesta atividade, o principal objetivo foi permitir que as crianças respondessem, através da observação direta, às questões levantadas previamente neste projeto. Em conversa, as crianças recordaram quais as dúvidas que tinham em relação às minhocas, trabalhando competências como investigação e reflexão, tal como sugerem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Silva et al., 2016), ao incentivar a observação e a exploração.

Realizámos a atividade com as crianças, no espaço exterior, tendo duas caixas à sua disposição com terra e minhocas. Em pequeno grupo, as crianças observaram e exploraram os conteúdos das caixas, recordando as perguntas presentes no quadro do projeto.

No decorrer da atividade, as crianças procuraram minhocas, pegaram, tocaram, observaram exprimindo verbalmente as suas observações. Foram vários os momentos vividos, destacando um, quando uma criança deitou água sobre uma minhoca e todos puderam ver o animal a escavar, gerando grande entusiasmo: "Está a escavar!", "Está a escavar!". Por fim, recolheram algumas minhocas para colocar na compostagem.

Estagiária: "Olhem para a minhoca que está na minha mão."

S: "Ela está a escalar a tua mão, ela consegue subir."

Estagiária: "E como podem ver ela está a passear pela minha mão livremente, e não aconteceu nada..."

M: "Então elas não picam."

Estagiária: "É verdade, elas conseguem subir e não picam, muito bem!"

(...)

Estagiária: "Vocês ainda não responderam a todas as questões, lembram-se de alguma?"

S: "Ah, já sei, o A. disse que elas tinham pernas."

Estagiária: "E agora, que já pegaram, observaram e tocaram nas minhocas, acham que elas têm pernas?"

T: "Não tem pernas."

A atividade permitiu que as crianças descobrissem por si mesmas as respostas às questões que haviam formulado, reforçando o valor do contacto direto com a natureza. Estas descobertas reforçam a importância do contacto direto com a natureza para a construção de conhecimento sobre o mundo natural.

Revendo esta atividade, percebi que incluir lupas teria enriquecido a observação, aumentando o detalhe e a compreensão, conforme defendido nas Orientações Curriculares (Silva et al., 2016).



Figuras 55, 56, 57 e 58: Observação e exploração de minhocas.

No dia seguinte, as crianças partilharam com os colegas ausentes as atividades realizadas. Para facilitar a explicação, tínhamos uma caixa idêntica à do dia anterior e fotos para ajudar a relembrar a atividade. Este momento reforçou competências de comunicação oral e memória, essenciais na educação pré-escolar.

Para consolidar as aprendizagens, as crianças representaram novamente minhocas em barro. Esta tarefa tornou-se mais fácil, pois, agora, detinham maior conhecimento sobre as características das minhocas.

K: "Olha, eu fiz quatro minhocas, (apontando para cada uma), esta é a mãe, este é o pai e estes são os bebés (representados num tamanho menor)."

A: "Olha a minha, agora já sei fazer melhor, achas que está gira?"

Estagiária: "Boa, vês conseguiste fazer muito bem, está muito gira!"

G: "Olha as minhas, eu fiz muitas, elas estão a passear na floresta."

Estagiária: "Boa, estão muito bem, e porque é que elas estão na floresta?"

G: "Quando vamos à floresta eu às vezes vejo, quando elas estão lá debaixo (do solo) já não as consigo ver."

Esta etapa de representação simbólica é fundamental no desenvolvimento cognitivo, alinhando-se às ideias de Piaget (1973), que destaca a importância da repetição e exploração para a formação do pensamento simbólico.

Atividade VII

A educação pré-escolar deve proporcionar às crianças oportunidades de exploração ativa, partindo dos seus interesses e curiosidades, promovendo o desenvolvimento de competências motoras, cognitivas e sociais (Silva & Oliveira, 2019). As atividades descritas neste relato demonstram a integração de diversas abordagens pedagógicas que valorizam a participação ativa das crianças e o trabalho em grupo.

Iniciámos a semana recordando o que tínhamos feito em relação ao estudo das minhocas. Num momento em grande grupo, as crianças recordaram as informações previamente recolhidas e, no final, partilharam diversos nomes de animais que gostariam de conhecer, posteriormente.

Ao concluir o tema das minhocas, no momento intercultural as crianças recordaram as descobertas realizadas ao longo do tempo, evidenciando uma prática pedagógica centrada no reforço da memória e na consolidação de aprendizagens (Pereira, 2018).

Num momento de trabalho em pequenos grupos, algumas crianças representaram artisticamente minhocas em barro, enquanto outras recortaram e colaram as informações recolhidas. Estas práticas são fundamentais para o desenvolvimento da motricidade fina e da criatividade (Ferreira, 2021). Como resultado de toda a aprendizagem realizada ao longo do projeto de intervenção pedagógica, as crianças, construíram um belíssimo mural que reflete o conhecimento adquirido e promove o sentido de pertença ao grupo.

S: "Posso recortar as nossas fotografias?"

Estagiária: "Podes, não se preocupem que todos vão passar por esta mesa."

A: "Eu gostava de colar."

Estagiária: "Boa, eu já tenho os grupos formados para cada mesa, mas depois vão rodar pelas mesas."

R: "Vou recortar com esta tesoura (ondas)."

(...)

J: "Podemos desenhar minhocas aqui à volta?"

Estagiária: "Excelente ideia, podem fazer as minhocas."

S: "Vou fazer uma mesmo grande!"

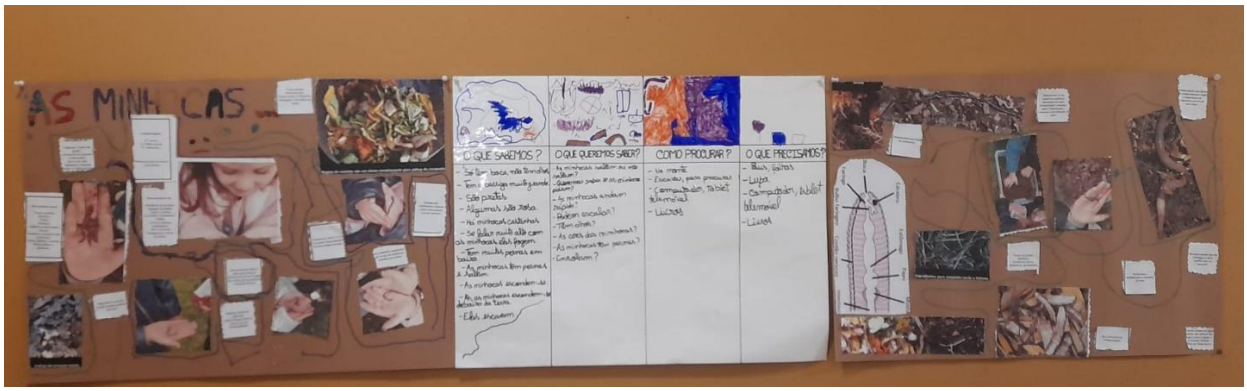


Figura 59- Mural sobre as minhocas.

Anteriormente, numa fase do projeto de intervenção pedagógica falámos sobre compostagem e descobrimos que o produto final é excelente para adubar a terra. Então, para dar continuação ao trabalho realizado decidimos criar uma horta.

A partir da leitura do livro "A Horta do Simão", as crianças perceberam de que forma poderíamos fazer a nossa horta. Durante a leitura, conversámos sobre as ações do Simão, incluindo o que ele havia plantado. A leitura do livro foi o ponto de partida para as crianças criarem uma horta.

Estagiária: "O que querem plantar na nossa horta?"

C: "Cenouras, como o Simão."

Estagiária: "Pois, nesta altura não dá porque estamos no inverno, as cenouras normalmente semeiam-se pela altura da primavera, tal como o Simão disse."

S: "Se não se pode plantar cenouras, então o que é que vamos plantar?"

Estagiária: "Sabem, agora pelo inverno, normalmente, plantámos couves e alfaces, desde que estejam protegidas numa estufa, por causa do frio."

M: "Vamos plantar os dois!"

Estagiária: "Excelente ideia, vamos lá criar a nossa horta."

Após a leitura, deslocámo-nos para o exterior para criar uma horta. Começámos por cortar em pedaços mais pequenos as cascas de banana provenientes da compostagem, para adubar a terra. Posteriormente, todas as crianças tiveram a oportunidade de utilizar o sachinho, remexendo a terra com esse utensílio. Após este momento, abri um galeiro de cada vez e as crianças foram plantando couves e alfaces. Como não dispúnhamos de regadores, utilizámos borrifadores para regar as plantas. Assim,

cada criança teve oportunidade de borrifar com água as alfaces e as couves, completando a atividade de forma participativa e prática.

Deste modo, a atividade promoveu a conexão com a natureza e a sensibilização para a sustentabilidade ambiental. A utilização de materiais recicláveis, como cascas de banana para adubar a terra, demonstra a integração de valores ecológicos no currículo (Silva, 2018). Além disso, o envolvimento das crianças em tarefas como remexer a terra, plantar e regar promoveu a autonomia e o sentido de responsabilidade (Carvalho, 2019).

De acordo com a história, "A horta do Simão", esta termina com uma placa que refere "A horta é de todos", teria sido excelente conseguir fazer esta placa com as crianças, mas o tempo e as atividades foram seguindo, acabando por perder o interesse se não for realizado naquele certo espaço de tempo.







Figura 60,61, 62, 63, 64, e 65: Criar uma horta.

A pedagogia participativa, é essencial para a formação de crianças curiosas, autónomas e capazes de aprender em interação com os outros e com o meio ambiente. As atividades realizadas ao longo da semana, promoveram a autonomia, a participação ativa das crianças, havendo momentos de reflexão, jogos lúdicos e contacto com a natureza. Permitiu também estimular o movimento, atenção, a linguagem e o raciocínio.

Reflexão da atividade VIII

A visita à Quinta Pedagógica, realizada no último dia de estágio, teve como objetivo proporcionar às crianças uma experiência educativa em contacto direto com a natureza e com os animais. Com esta atividade consolidámos o projeto desenvolvido ao longo do estágio, centrado na natureza e nos animais.

Para visitar a quinta deslocámo-nos de autocarro, momento este vivido com grande intensidade e entusiasmo pelas crianças, pois, com a observação realizada ao longo do caminho partilhavam entre si onde moravam. À chegada, fomos encaminhados para uma sala onde decorreu uma atividade de reciclagem de papel. As crianças participaram ativamente, rasgando o papel em pedaços pequenos e explorando a textura da pasta. De seguida, cada criança foi chamada individualmente para fazer a sua própria folha de papel reciclado, podendo ser utilizada mais tarde para criar marcadores de livros ou pequenos desenhos, por exemplo.

S: "É para resgar o papel?".

Guia: "Sim, para depois ser utilizado para fazer pasta de papel".

A: "Eu vou rasgar em pedaços pequeninos".

Guia: "Pois, tem que ser para fazer bem a pasta de papel".

(...)

Guia: "Agora vou chamar um de cada vez para fazerem a vossa folha de papel, para depois, quando secar poderem fazer um desenho, um marcador de livros, um presente para um dia especial".

K: "Esta água está morna".

Guia: "Pois está, nós tivemos esse cuidado, porque está muito frio lá fora".

(...)

M: "É estranho mexer na pasta".

Guia: "É uma textura diferente".

(...)

Guia: "Bom trabalho meninos...".

No fim da atividade, percorremos os espaços da Quinta onde as crianças observaram diversos animais: póneis, burros, vacas, galinhas, porcos, patos, gansos, pombos, etc. Os coelhos não puderam ser visitados por estarem doentes. Esta situação foi explicada às crianças com sensibilidade, reforçando o cuidado e o respeito pelos animais.




Figuras 66 e 67: Atividade – Reciclagem de papel.




Figura 68: Visita à Quinta Pedagógica.

De acordo com Araújo (2020), a interação com animais em contexto educacional promove aspetos como, a responsabilidade, a empatia e a valorização do meio ambiente, sendo estes, fundamentais para o desenvolvimento integral das crianças.

A visita à Quinta Pedagógica revelou-se enriquecedora e significativa para as crianças, combinando aprendizagem, vivências práticas e contacto direto com a natureza. Reconheço que esta atividade foi um momento de síntese pedagógica do trabalho desenvolvido ao longo do estágio. Esta visita foi uma oportunidade significativa e transversal para que as crianças pudessem consolidar conhecimento.

4. Análise reflexiva de intervenção pedagógica em contexto de Jardim de Infância

De acordo com as aprendizagens realizadas ao longo destes anos, foram vários os modelos estudados. É certo que utilizámos um pouco de cada modelo, mas conforme a instituição e a nossa maneira de trabalhar com as crianças, acabámos por dar mais ênfase a algum. Neste caso, trabalhámos de forma mais consistente com o Modelo Curricular HighScope e as Pedagogias Participativas.

Nas Pedagogias Participativas, a criança é vista como um ser competente e ativo. Esta pedagogia tem por objetivo apoiar o envolvimento da criança no "continuum experiencial", aprendendo através de experiências contínuas e interativas. À criança, é reconhecido o direito à participação, tal como, o apoio por parte da educadora (estimulante, sensível e autonomizante), (Oliveira-Formosinho & Formosinho, 2020, pp. 28-31).

A criança é construtora da sua inteligência e do seu conhecimento. Para que isto se torne possível, é necessário, pensar, criar oportunidades e principalmente experimentar a realidade para construir esse mesmo conhecimento. Segundo Piaget, este conhecimento constrói-se pelo sujeito em interação com o mundo físico e social (Oliveira-Formosinho, 2020, p.79).

Nesta compreensão, Oliveira-Formosinho diz-nos que a rotina diária deve ser constante e estável, sendo assim, previsível para a criança. Esta rotina torna a criança menos dependente do adulto, assim, a previsibilidade da rotina contribui para a segurança e independência da criança (Oliveira-Formosinho, 2020, p.88). Assim, a criança torna-se autónoma, ativa e independente.

Relativamente aos objetivos do projeto de intervenção pedagógica, penso que de uma forma geral, foram cumpridos. Através das diferentes atividades, as crianças tiveram oportunidade de compreender a vida dos animais. Tiveram oportunidade de contactar diretamente com vários animais, investigaram outros através de imagens, livros e conversas, despertando a sua curiosidade e vontade de aprender. Com a realização do projeto de intervenção pedagógica, as crianças, adquiriram competências de investigação, novos conceitos sobre o ambiente. Um exemplo disso foi a pesquisa sobre as minhocas, que originou diálogos espontâneos onde se introduziram novos conceitos, como invertebrados, herbívoros, húmus. No que respeita ao desenvolvimento da autonomia e responsabilidade, as crianças descobriram por si as dúvidas que ainda existiam sobre as minhocas. Além disso, observaram, tocaram e levaram-nas para a compostagem. Estas ações revelam uma evolução significativa da autonomia e do sentido de responsabilidade.

As atividades desenvolvidas favoreceram não só a aquisição de novos conhecimentos sobre o ambiente e a biodiversidade, como também promoveram competências de investigação, pensamento crítico e comunicação. Durante os diálogos, as crianças aprenderam novos conceitos, como "invertebrados" e "herbívoros". Por exemplo, ao observar imagens de caracóis comparam-nos e identificam-nos como invertebrados, associando-os às minhocas, referindo que "não têm ossos". Nos momentos de diálogo está evidenciado o envolvimento das crianças e a construção do conhecimento partilhado. Através de diversas atividades, como a exploração da minhoca e a visita à Quinta Pedagógica, foi possível criar contextos ricos de aprendizagem, em que a participação ativa e a curiosidade das crianças estiveram sempre no centro da ação educativa.

Realizámos atividades de exploração e aprendizagem sobre a biodiversidade e os habitats dos animais, entre as diversas atividades temos, por exemplo, a exploração da minhoca, caça ao tesouro, falando das características dos animais e a visita à quinta pedagógica.

Segundo Carvalho (2018), atividades pedagógicas que envolvem o contacto direto com a natureza contribuem significativamente para a compreensão e valorização da biodiversidade pelas crianças.

Ao longo das diferentes atividades, promovemos a consciencialização sobre os animais e a preservação do ambiente, por exemplo, a atividade realizada na quinta pedagógica, ajudou as crianças a consolidar conhecimento sobre reciclagem e de que modo poderiam reciclar papel originando nova vida ao mesmo.

De acordo com Louv (2008), a interação com a natureza e a participação em atividades pedagógicas/ecológicas fortalecem o sentido de responsabilidade ambiental e incentivam as crianças a praticar sustentabilidade desde a sua infância.

A experiência com animais, faz com que as crianças, por si mesmas, respondam às suas dúvidas. As crianças observam o comportamento do animal e apercebem-se dos vários movimentos que este realiza, estando sempre atentas às diversas características de cada animal. As crianças, de um modo geral, gostam do contacto com os animais, por exemplo, através do toque percebem que existem diferentes texturas, estruturas corporais diferentes, etc.

Segundo Wilson (1984), existem estudos que referem que o contacto direto com animais estimula o desenvolvimento sensorial e emocional das crianças, promovendo, assim, o respeito e a empatia pelos seres vivos.

Relativamente à investigação, as crianças fazem várias perguntas quer seja para procurar em computador, livros ou por mera curiosidade. Quando observam imagens, por vezes, surgem comparações, demonstrando que já possuem algum conhecimento sobre o assunto.

Assim, percebemos que o contacto com a natureza é essencial durante o crescimento e a aprendizagem da criança, não só pela aprendizagem, mas também, para que as crianças não sintam medo de estar em contacto com a mesma.

De acordo com Piaget (1972), a aprendizagem na infância ocorre através da interação ativa com o meio, sendo a curiosidade um elemento fundamental no desenvolvimento cognitivo da criança.

Tal como, Carlos Neto, refere no seu livro "Libertem as Crianças", as crianças devem ter oportunidade/possibilidade de vivenciar experiências de contacto com a Natureza no espaço da escola, também devem sair da escola e explorar o que há à volta da mesma, desde pequenos montes, matas, florestas, é necessário e urgente que as crianças explorem o ar livre, criando, assim, um equilíbrio entre a atividade sedentária e a atividade física (pp.157 e 158).

Capítulo V - Considerações Finais

As intervenções pedagógicas realizadas permitiram-me adquirir um vasto leque de conhecimentos, ajudando-me a progredir pessoal e profissionalmente.

Durante a minha prática, senti algumas dificuldades no que toca à observação, planificação e reflexão, tendo sentido uma maior dificuldade na gestão de grupo. Reconhecer estas fragilidades foi o primeiro passo para trabalhar sobre elas.

No decorrer do estágio evoluí, não foi um caminho fácil, superei-me e superei diversas situações que ocorrem no dia-a-dia. Este permitiu-me tomar consciência, que pude colocar em prática muitas das aprendizagens que tenho realizado enquanto estudante de Educação Básica.

A formação adquirida ao longo do Mestrado em Educação Pré-Escolar, revelou-se fundamental para a construção da minha identidade profissional enquanto educadora. Esta etapa formativa proporcionou-me uma base sólida e uma abordagem crítica e reflexiva, conferindo-me competências, como a construção de projetos curriculares contextualizados e a adoção de práticas sustentadas na observação, escuta e respeito pela criança como sujeito ativo. Esta formação contribuiu, para a consolidação de um perfil profissional comprometido com a promoção do desenvolvimento integral da criança.

Relativamente à avaliação do projeto, "Explorar os sentidos: O Papel das Experiências Sensoriais no Desenvolvimento e Aprendizagem das Crianças" este, surge no seguimento da observação das crianças e como estas reagem às diversas atividades, tendo em conta o local onde estas ocorrem (na sala ou no espaço exterior).

Assim no espaço exterior/natureza a criança é dotada de uma nova perspetiva do seu mundo, pois:

> "os estímulos provenientes dos espaços naturais oferecem oportunidades de excelência para o desenvolvimento dos sistemas sensoriais, que facilitam o conhecimento da criança sobre si própria, sobre o seu corpo e possibilidades de exploração/movimento, sobre o envolvimento e sobre a relação que o seu corpo tem e pode ter com esse envolvimento. Este conhecimento da criança é determinante para o seu sentimento de segurança e, como consequência, para a sua autoestima e aquisição de um vasto número de competências. A criança é curiosa, sensível e exploradora do seu meio envolvente. A natureza faz parte da essência evolutiva da criança (e do Ser Humano), devendo ser, cada vez mais, assumida na sua dimensão educativa e pedagógica, promotora do desenvolvimento equilibrado, saudável e sustentável da criança e, por excelência, promotora da apropriação de uma cultura de sustentabilidade e de preservação do planeta". (Quitério, 2021, p. 146)

Em Creche (berçário), fui conhecendo a rotina e fui apercebendo-me do comportamento das crianças, como é que estas reagiam a diversos estímulos, etc. Apesar dos obstáculos enfrentados, fui gradualmente estabelecendo uma relação mais próxima com as crianças, o que me ajudou a superar alguns desafios.

Na transição de Creche para Jardim de infância houve um grande impacto sobre mim, nesta fase as crianças já verbalizam, fazem imensas perguntas e eu não estava preparada para a grande diferença, de um desafio para o outro. Lentamente, a pouco e pouco, comecei a ganhar mais confiança, conversei e brinquei livremente, sem estar presa ao meu pensamento. De facto, é impressionante de que forma as crianças podem mudar a nossa visão sobre elas e o mundo. É fascinante como uma conversa com uma criança nos mostra muito além da criança, desde a forma como fala, os conhecimentos que possui e outros que pretende adquirir, o que elas nos ensinam todos os dias, etc. A criança é um ser ativo e capaz, por vezes, só precisa de um pequeno impulso de um adulto, de modo a sentir-se apoiada e confiante para realizar os seus objetivos/sonhos.

Relativamente à metodologia de trabalho de projeto, inicialmente foi um desafio compreender e desenvolver a mesma. No decorrer do projeto, as crianças foram co-construtoras do seu conhecimento, assim, com o meu auxílio e incentivo as crianças desenvolveram o seu projeto.

Ao longo do estágio, os projetos desenvolvidos nos contextos de Creche e Jardim de Infância permitiram-me compreender verdadeiramente a criança como ser ativo, curioso e participante. A metodologia de trabalho de projeto foi fundamental para promover aprendizagens significativas, baseadas nos interesses das crianças. Aprendi a adaptar a minha prática de forma intencional, valorizando mais o processo do que o produto final. Os projetos reforçaram várias competências como a autonomia, a cooperação, a linguagem e o pensamento crítico.

No seguimento do estágio foi importante criar um ambiente educativo seguro, inclusivo e acolhedor, garantindo que todas as crianças tivessem as mesmas oportunidades, respeitando o ritmo individual de cada uma.

É fundamental garantir uma prática pedagógica de qualidade, para isso, é essencial continuar a adquirir conhecimento e informação constantemente, pois a profissão assim o exige. A educação é um campo em constante crescimento, e ser educadora é estar sempre disponível para aprender.

Como futura educadora, posso dizer que nós, profissionais, temos a capacidade de estimular a curiosidade da criança, desafiar e provocar para que esta consiga alcançar/concluir as atividades de forma autónoma e com sucesso.

Somos colo, somos abraço, é limpar cada lágrima, com um toque de amor, é amar todas as crianças com um amor desmedido!

Referências Bibliográficas

Araújo, M. (2020*). Educação ambiental na infância: A importância da interação com animais no contexto educativo.* Editora Porto.

Azevedo, J. (1996). *Educação: O tempo dos professores*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Bilton, H. (2010). *Outdoor learning in the early years: Management and innovation (3rd ed.)*. Routledge. https://doi.org/10.4324/9780203860137

Carvalho, S. (2019). *Educação Pré-Escolar: Autonomia e Responsabilidade*. Asa Editores.

Ferreira, R. (2021). *A Importância do Trabalho Manual no Desenvolvimento Infantil.* Porto Editora.

Gâmboa, R. (2011). Pedagogia-em-participação: Trabalho de Projeto. In Oliveira-Formosinho & Gâmboa. *O Trabalho de Projeto na Pedagogia-em-Participação.* (pp.11-58). Porto Editora.

Ginsburg, K. R. (2007). *A importância da brincadeira na promoção do desenvolvimento infantil saudável e na manutenção de fortes laços entre pais e filhos*. Pediatria, 119(1), 182–191. https://doi.org/10.1542/peds.2006-2697

Grupo Marista. (2022). *Brincar ao ar livre: necessidade e um dos direitos das crianças*. https://grupomarista.org.br/blog/brincar-ao-ar-livre/

Knight, S. (2013). *Forest school and outdoor learning in the early years (2nd ed.).* SAGE Publications.

Neto, C., (2020). *Libertem as crianças.* Contraponto Editores.

Pacheco, J. (2004). *Escola da Ponte: Um outro caminho para a educação*. Asa.

Oliveira-Formosinho, (2020). A Contextualização do Modelo Curricular High-Scope no Âmbito do Projeto Infância. In J., Oliveira-Formosinho (Org.). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância Construindo uma práxis de participação* (pp.61-108). Porto Editora.

Pereira, J. (2018). *Memória e reflexão na Educação Pré-Escolar.* Texto Editores.

Piaget, J. (1973). *A formação do símbolo na criança: Imitação, jogo e sonho, imagem e representação* (5ª ed.). Zahar.

Piaget, J. (1976). *The grasp of consciousness: Action and concept in the young child.* Harvard University Press. https://doi.org/10.4324/9781315722382

Quitério, A. (2021). Educação Pré-Escolar: os benefícios do contacto com a Natureza. *Cadernos de Educação de Infância*, 124, 137-148.

Sanches, I. (2005). *Compreender, agir, mudar, incluir. Da investigação-acção à educação inclusiva.* Revista Iusófona de Educação, 5 (5), 127-142. (PDF) Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-acção è educação inclusiva

Silva, A. (2018). *Educação Ambiental para crianças: Um Guia Prático.* Plátano.

Vasconcelos, T. (coord.) (2012). *Trabalho por projetos na Educação de Infância: Mapear aprendizagens.* Integrar metodologias.: Ministério da Educação e Ciência. DGIDC. https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/EInfancia/documentos/trabalho_por_projet_r.pdf

Vygotsky, L. S. (1978). *Mind in society: The development of higher psychological processes*. Harvard University Press. https://doi.org/10.2307/j.ctvjf9vz4

Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J. R. C., & Vieira, S. R. (2009). Investigação-acção: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), 455–479. https://hdl.handle.net/1822/10148

Hohmann, M., & Weikart, D. P. (2002). *Educating young children: Active learning practices for preschool and child care programs* (2nd ed.). HighScope Press.

Marques, A., Azevedo, A., Marques, L., Folque, M., A., & Araújo, S., B. (coord.), (2024). *Orientações pedagógicas para a Creche.* Ministério da Educação/Direção-Geral da Educação (DGE). https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/opc_marco2024.pdf

Mendonça, M. (1997). *A Educadora de Infância – Traço de União entre a Teoria e a Prática.* Edições ASA.

Oliveira-Formosinho, J., Formosinho, J. (2020a). A Perspetiva Educativa da Associação Criança: A Pedagogia-em-Participação. In J., Oliveira-Formosinho (Org.). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância Construindo uma práxis de participação* (pp. 25-60). Porto Editora.

Oliveira-Formosinho, J., Formosinho, J. (2020b). A Perspetiva Pedagógica da associação criança: A Pedagogia-em-Participação. In Oliveira-Formosinho & Gâmboa (Orgs.). *O Trabalho de Projeto na Pedagogia-em-Participação.* (pp.11-38). Porto Editora.

Silva, C., & Oliveira, M. (2019). *Educação Pré-Escolar: Teoria e Prática.* Almedina.

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.* Ministério da Educação/Direção Geral da Educação (DGE). https://www.dge.mec.pt/ocepe/sites/default/files/Orientacoes_Curriculares.pdf

Vila, B. & Cardo, C. (2005). *Material sensorial (0-3años) Manipulación y experimentación*. Editorial Graó. https://pt.scribd.com/document/411358289/Material-sensorial-0-3-anos-Cristina-Cardo-Florez1-pdf

Instituto Alana. (n.d.). *Os benefícios de brincar ao ar livre.* Criança e Natureza. https://criancaenatureza.org.br/pt/para-que-existimos/os-beneficios-de-brincar-ao-ar-livre/

UNICEF. (1989). *Convenção sobre os Direitos da Criança*. Organização das Nações Unidas. https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o_dos_direitos_da_crianca.pdf

Anexos

Anexo A: Rotina diária em contexto de Creche

- **9h30min** – Acolhimento;
- **10h** – Lanche;
- **10h15min** – Atividades/exploração;
- **11h** – Almoço;
- **12h** – Higiene;
- **12h45min** – Sesta;
- **15h** – Acordar;
- **15h15min** – Lanche;
- **16h**- Atividades/ exploração.

Anexo B: Rotina diária em contexto de Jardim de Infância

9h - 9h40m	Acolhimento e planificações
9h45m	Atividades e projetos
10h45m	Reflexão
11h	Recreio
11h45m/12h	Almoço
12h30m - 14h30m	Sesta/atividades livres para os que não dormem
14h30m	Momento Inter(cultural)
15h	Pequenos grupos
15h45m/16h	Lanche
16h15m	Concelho
17h	Tempo de partida
17h – 19h	Recreio